

Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – FIOCRUZ

**CURSO DE APERFEIÇOAMENTO EM EDUCAÇÃO POPULAR E PROMOÇÃO DE
TERRITÓRIOS SAUDÁVEIS NA CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO**

MARIA MICHELE ALVES MOURA

**COMUNIDADE LAPA: UMA HISTÓRIA DE CULTURA, TRADIÇÃO E
RESISTÊNCIA**

EUSÉBIO – CE

DEZEMBRO DE 2020

MARIA MICHELE ALVES MOURA

**COMUNIDADE LAPA: UMA HISTÓRIA DE CULTURA, TRADIÇÃO E
RESISTÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora do Curso de Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido, Fiocruz Ceará..

Orientador(a): Aline de Sousa Maia

EUSÉBIO– CE
DEZEMBRO DE 2020

Catálogo na fonte
Fundação Oswaldo Cruz
Escritório Técnico Fiocruz Ceará
Biblioteca Fiocruz Ceará
Gerada mediante dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M929c Moura, Maria Michele Alves.
Comunidade Lapa: Uma História de Cultura, Tradição
e Resistência. / Maria Michele Alves Moura. – 2020.
69 f. : il. : color.

Orientadora: Profa. Aline de Sousa Maia.
TCC (Especialização em Educação Popular e
Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o
Semiárido) – Fundação Oswaldo Cruz, Eusébio, CE,
2020.

1. Comunidade Tradicional. 2. Educação Popular.
3. Resistência. I. Título.

CDD – 362.1068

Catálogo elaborado pela bibliotecária Camila Victor Vitorino Holanda CRB-3 1126

MARIA MICHELE ALVES MOURA

COMUNIDADE LAPA: UMA HISTÓRIA DE CULTURA, TRADIÇÃO E RESISTÊNCIA

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado à banca do Curso de Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido, Fundação Oswaldo Cruz –Fiocruz-CE, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido.

Banca Examinadora

Profa. Aline de Sousa Maia (Presidente/Orientador)
Cáritas Regional do Ceará – Diocese de Limoeiro do Norte

Prof. Ms. José Ricardo de Oliveira
Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)

Profa. Ms. Francisca Clarice Rodrigues de Sousa
Centro de Formação Centro de Formação, Capacitação e Pesquisa Frei Humberto

Data da Aprovação: ___ de ___ de 2020.

EUSÉBIO-CE

Dedico este trabalho a todos os ancestrais que construíram a nossa comunidade Lapa, a meu avô Antônio Alves de Moura (in memoriam) e ao meu tio Francisco José de Moura (in memoriam). Dedico esta obra também aos grandes mestres do saber, Paulo Freire e Edgar Morin, pois ambos defendem que “o saber deve ser democrático”, e “que a natureza não deve ser separada da cultura”.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por estar sempre presente em minha vida, guiando e protegendo as minhas escolhas e protegendo os meus caminhos.

Aos meus amigos (as), Rafaela Lucena Moura, Renato Carlos de Moura Lucena, e Daiane Oliveira Moura que contribuíram com sua ajuda no encontro regional em limoeiro do Norte, e a todos da comunidade Lapa.

Aos meus familiares, em especial a meu pai Sebastião José de Moura, a minha mãe Maria Helena Alves de Moura e a meu Irmão Antônio Maciel Alves de Moura, por ser a estrutura fundamental em minha vida.

Aos meus amigos, pelo grande respeito e consideração.

A meu companheiro, Adailton Marcos da Silva, pelo incentivo a participar do curso.

A todos(as) os(as) coordenadores/as do curso, por passarem os conteúdos e ministrarem todo o projeto, além de resistirem às opressões provocadas pelo desmonte de políticas públicas de saúde.

A todos(as) os(as) educandos(as) do curso, pelo carinho e compartilhamento de conhecimentos que vivenciamos nessa breve jornada.

A minha orientadora, Aline de Sousa Maia, por aceitar ser a minha orientadora e por me ajudar na elaboração e conclusão deste trabalho.

À Revisora de Textos, Regina Almeida, por fazer as devidas correções e por ajudar-me a tornar minhas ideias mais claras para leitura.

“A democracia é, como todo saber, uma conquista de todos. Toda a separação entre os que sabem e os que não sabem, do mesmo modo entre as elites e o povo, é apenas fruto de circunstâncias históricas que podem e devem ser transformadas”.

(Paulo Freire)

RESUMO

Propõe-se aqui analisar e resgatar a história de nossa cultura e tradição por meio da pesquisa, mediante os registros documentais e fotográficos, bem como os sujeitos que fizeram ou fazem parte desta história. Utilizar-se-á aqui consultas bibliográficas para que se possa fortalecer o embasamento teórico e compreender o contexto sócio-histórico desde o período de resistência da comunidade até seu momento atual. Levar-se-á em consideração ainda a realidade dos sujeitos, os períodos mais importantes, para que, em posse desse conhecimento, seja possível resgatar as importantes memórias de resistência dos ancestrais de modo a compreender os motivos de suas próprias lutas que se fizeram necessárias para resguardar a história da cidade. Objetiva-se também conhecer o real cenário vivido pelos indivíduos da comunidade Lapa no município de Potiretama-CE na perspectiva de valorizar suas origens e modo de vida com ênfase na importância da cultura. Além disso, far-se-á uma breve releitura da resistência dessa comunidade no enfrentamento dos impactos provocados pela construção da Barragem do Figueiredo na vida dos que foram atingidos, assim como na conquista da luta pela terra para subsistência dos destes. E, partindo da percepção dos indivíduos, faz-se urgente fortalecer a importância da educação popular como base de transmissão de costumes tradicionais, enfatizando aqui os processos educacionais e organizativos de uma comunidade tradicional rural, formal e não formal, que contribuíram, sobremaneira, na construção de uma nova realidade. Ademais, os impactos em relação aos costumes e à realidade social desse povo, causados após a construção da barragem, serão revelados. Para coleta de dados, serão utilizados: entrevista; questionários semiabertos; visitação; rodas de conversas; documentos; mapas; regaste de registro fotográfico e; pesquisa bibliográfica.

Palavras-Chave: Comunidade Tradicional. Educação Popular. Resistência.

RESUMEN

Se propone aquí analizar y rescatar la historia de nuestra cultura y tradición a través de la investigación, mediante registros documentales y fotográficos, así como de los sujetos que fueron o son parte de esta historia. Se utilizarán aquí las consultas bibliográficas con el fin de fortalecer la base teórica y comprender el contexto sociohistórico desde el período de resistencia de la comunidad hasta su momento actual. También se tendrá en cuenta la realidad de los sujetos, los periodos más importantes, para que, en posesión de este conocimiento, sea posible rescatar los recuerdos importantes de resistencia de los antepasados para comprender los motivos de sus propias luchas que fueron necesarias. Para proteger la historia de la ciudad. También tiene como objetivo conocer el escenario real vivido por los individuos de la comunidad Lapa en el municipio de Potiretama-Ce en la perspectiva de valorar sus orígenes y forma de vida con énfasis en la importancia de la cultura. Además, se hará una breve relectura de la resistencia de esta comunidad ante los impactos que la construcción de la Represa Figueiredo provocó en la vida de los afectados, así como en la conquista de la lucha por la tierra para su subsistencia. Y, a partir de la percepción de los individuos, urge fortalecer la importancia de la educación popular como base de transmisión de costumbres tradicionales, enfatizando aquí los procesos educativos y organizativos de una comunidad rural tradicional, formal y no formal, que contribuyó, en gran medida, en la construcción de una nueva realidad. Además, se darán a conocer los impactos en relación a las costumbres y realidad social de estas personas, provocados tras la construcción de la presa. Para la recopilación de datos se utilizará lo siguiente: entrevista; cuestionarios semiabiertos; visitación; ruedas de conversación; documentos; mapas; regeneración de registros fotográficos y; investigación bibliográfica.

Palabras-Clave: Comunidad Tradicional. Educación Popular. Resistencia.

Lista de figuras

Figura 1: Caminho de pedra dos índios Potiguara.....	23
Figura 2: Tabela de representação familiar de cada geração a partir de Antônio de Moura.....	26
Figura 3:Localização da casa de farinha.....	30
Figura 4: Tijolo do forno da casa de farinha.....	30
Figura 5: Bola de prensar mandioca.....	31
Figura 6: Painhol de ferro.....	31
Figura 7: Prensa artesanal feita por Firmino José de Moura.....	32
Figura 8: Motor da casa de engenho.....	33
Figura 9: Espaço da casa de engenho.....	33
Figura 10: Antigo engenho idealizado por Firmino José de Moura.....	34
Figura 11: Centenário açude da Lapa.....	36

Figura 12: Cercado de pedra construído pela família Moura.....	38
Figura 13:Grupo Escolar Francisco José de Moura (Chico José)	39
Figura 14: Foto de Antônio Alves de Moura (Antônio Tomais)	44
Figura 15: Foto de Francisco José de Moura (Chico Moco)	44
Figura 16: Capinadeira feita de forma artesanal.....	45
Figura 17: Barragem do Figueiredo no período de sua construção.....	46
Figura 18: Mapa do território atingido pela barragem do Figueiredo.....	48
Figura 19: Panfletos usados no dia da paralisação da barragem do Figueiredo.....	49
Figura 20: Reassentamento Lapa construído pelo DNOCS.....	50
Figura 21: Manifestação na barragem do Figueiredo no dia de sua Inauguração.....	52
Figura 22: Ilustração do mapa elaborado pelo IDACE da área atingida de Iracema e Potiretama.....	54

Figura 23: Primeiro dia de ocupação, levantando acampamento.....	55
Figura 24: Acampamento da Varzinha.....	56
Figura 25: Primeira reunião no acampamento da Varzinha.....	57
Figura 26: Reunião aonde foi assinado o documento da posse da terra pelo IDACE.....	59

LISTA DE SIGLAS

CPT	Centro Pastoral da terra
DNOCS	Departamento Nacional de Obras contra a Seca
DPU	Defensoria Pública da União
EFTA	Escritório Frei Tito de Alencar
IDACE	Instituto de Desenvolvimento Agrário do Ceará
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
FAFIDAM	Faculdade Dom Aureliano Matos
FETRAECE	Federação dos(as) Trabalhadores(as)Rurais do Estado Ceará
MAB	Movimento dos Atingidos por Barragens

MST	Movimentos dos(as) Trabalhadores(as) Rurais Sem Terra
RBJA	Rede Brasileira de Justiça Ambiental
RENAP	Rede Nacional de Advogados Populares
STTR	Sindicato dos(as) Trabalhadores(as) Rurais
USA	United States of America
UFC	Universidade Federal do Ceará

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. JUSTIFICATIVA	4
3. OBJETIVOS.....	1
3.1 OBJETIVO GERAL	5
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	1
4 METODOLOGIA.....	7
5 REVISÃO DE LITERATURA	1
5.1 DESENVOLVIMENTO SOCIAL.....	7
5.2 CONCEPÇÕES REFLEXIVAS DISTINTAS SOBRE OS PROCESSOS OCORRIDOS NA LAPA.....	1 7
6 O QUE É COMUNIDADE TRADICIONAL	1
6.1 Breve história da comunidade Lapa	8
6.2 O saber popular específico do território	1

7 INÍCIO DO DESENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE LAPA	9
7.1 Casa de Farinha	1
7.2 Casa de engenho	9
7.3 Açude da Lapa	
7.4 O cercado de pedra.....	2
7.5 Grupo escolar Francisco José de Moura	0
8 CURA PELA FÉ: AS CELEBRAÇÕES QUE ANIMA A	2
COMUNIDADE.....	1
9 AGRICULTURA FAMILIAR E SUAS INFLUÊNCIAS NO MODO DE	2
VIDA E SAÚDE DOS/ASHABITANTES.....	3
10 AS MUDANÇAS QUE PROVOCARAM POSSÍVEIS	2
TRANSFORMAÇÕES NO TERRITÓRIO E NO MODO DE VIDA DOS	8
INDIVÍDUOS COM O PASSAR DO TEMPO.....	2
11 A ORGANIZAÇÃO DOS(AS) ATINGIDOS(AS) NA DEFESA DE SEU	9
TERRITÓRIO.....	2
12 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	9
REFERÊNCIAS.....	3
Apêndice.....	2
Apêndices A.....	3
APÊNDICE B.....	4
	3
	6
	3
	8
	4
	1
	4
	3
	4

5

5

3

6

1

6

3

6

4

6

5

6

6

1. INTRODUÇÃO

Tendo em vista a necessidade de resgatar o contexto histórico da *comunidade Lapa: uma história de cultura, tradição e resistência*, o qual vem fortalecer a identidade de um povo na valorização de seus costumes e do saber popular, buscar-se-á aqui, por meio da história, contar a vivência e trajetória de um povo tradicional que luta e resiste ao passar dos anos para permanecer no território.

Em cada época histórica, as gerações da comunidade Lapa tiveram um motivo para aprender a lutar, resistir e proteger suas terras. Inicialmente, a luta foi para iniciar a constituição desse povo na colonização da terra e reprodução de suas tradições e saberes popular. Em seguida, foi colocar em prática esses costumes tradicionais e passar adiante a prática e a história para as gerações seguintes. Com isso, a comunidade, gradualmente, foi se desenvolvendo.

Assim, a comunidade Lapa passou por vários processos importantes, fortalecendo, sobremaneira, os indivíduos. No entanto, o que impactou o território, trazendo grandes perdas em seus elementos e simbologias materiais e imateriais, foi o descaso feito com o povo atingido quando se deu a construção de uma barragem para contenção de água na região. (A Barragem do Figueiredo). Embora o intuito da construção era (é) trazer progresso e desenvolvimento para a população, com isso veio também a desapropriação das terras para abrir espaço na feitura da obra, atingindo grande parte do território da comunidade Lapa e, conseqüentemente, impactando em seus elementos históricos tradicionais.

Acrescenta-se que em 15 de agosto de 2016 houve a luta pela ocupação da terra para produção e subsistência das pessoas da comunidade Lapa. Logo, todos esses fatores, ao longo do tempo, culminaram na organização popular, na proteção da identidade cultural desse povo, bem como na permanência e defesa de seu território para propagarmos saberes populares por meio das gerações.

2. JUSTIFICATIVA:

A primeira motivação para elaborar este trabalho foi resgatar um pouco da memória da Lapa, para que esta não se perca ao longo do tempo. A comunidade é tradicional e, portanto, merece ser estudada desde a maneira como vivem, assim como se dá o processo de agricultura familiar e como são compartilhadas as tradições e saberes populares. Além disso, é importante destacar as diversas formas de resistência e mobilização popular desse povo como uma característica de defesa do território.

A opção de investigar a organização das famílias em sua breve trajetória sócio-histórica de colonização do território e, conseqüentemente, na criação de um patrimônio artesanal, cultural e dos costumes tradicionais e saberes populares que, ao longo do tempo, vem sofrendo variações, decorrentes em razão de salvaguardar esse patrimônio. Sabe-se que são inúmeros os processos que vêm sendo impostos nesta comunidade, provocando, assim, mudanças na realidade local e cultural. Assim, é preciso respeitar a importância da preservação do território e do modelo de vida tradicional que as famílias da comunidade Lapa vivenciavam cotidianamente.

A partir da percepção dos indivíduos, faz-se necessário consolidar a importância da educação popular como base de transmissão de costumes tradicionais, que deve ser enfatizada nas salas de aula e nos processos organizativos de uma comunidade tradicional rural, seja formal ou não formal, para contribuir na construção de uma nova realidade. Não se pode deixar de expor quais os impactos que sofreram a comunidade no que diz respeito a seus costumes e realidade social após a construção da barragem na região.

Posteriormente, percebeu-se que, após os processos vivenciados por esses indivíduos, houve mudança significativa no comportamento desse povo, bem como ocorreu a ruptura e fragilização da memória histórica e do elo de tradição geracional na sétima geração de habitantes da comunidade Lapa. Assim, compreende que foi em virtude da experiência vivenciada e do acompanhamento desse processo, durante anos, que ocorreu uma série de novos atos comportamentais, sociais, assim como a criação de novas formas de celebração.

Neste contexto, considera-se necessário preservar a memória de uma comunidade tradicional e verificar a relevância do saber popular no fortalecimento da mobilização comunitária em busca de seus direitos. É importante também

compartilhar as várias formas de saber advindas das tradições, que devem ser passadas de uma geração para outra, de modo que a vida dos indivíduos que vivem no território não seja afetada em sua totalidade. Assim, faz-se importante ponderar a pesquisa de maneira que haja também um novo projeto em curso que foi transformador da comunidade ao chegar.

Portanto, justifica-se aqui a importância da preservação da cultura e das tradições da comunidade Lapa que, ao longo do tempo, vêm repassando suas histórias, tradições e, especificamente, preservando suas origens, saberes e costumes populares que são passados através das gerações e suas modificações sofridas ao longo desse período. É de fundamental relevância, para os povos tradicionais, que os conhecimentos adquiridos de seus ancestrais, assim como suas identidades, não se percam. Desta forma, percebe-se a importância de se deixar a história em registro.

3. OBJETIVOS

3.1. OBJETIVO GERAL

Analisar a importância do saber popular para a formação, desenvolvimento e defesa da comunidade Lapa no município de Potiretama-CE.

3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conhecer a importância do saber popular no contexto cultural e tradicional da Comunidade de Lapa;
- Identificar as mudanças que provocaram as transformações no território e no modo de vida das famílias com a implantação da Barragem do Figueiredo;
- Apresentar a relação da organização e mobilização dos(as) atingidos (as) na defesa do território.

4. METODOLOGIA:

Esta pesquisa é de natureza qualitativa e vem responder a questões muito particulares, uma vez que ela se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. A abordagem qualitativa, segundo Minayo (2016), que utilizaremos no decorrer deste trabalho, aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas. É o fenômeno humano entendido aqui como parte de uma realidade tratada por meio da história, das relações sociais de mundo e significados, da motivação dos desejos, crença, costumes e valores das mais variadas técnicas do trabalho empírico.

A realização deste trabalho de campo, que teve como elemento essencial a observação participante, se deu na comunidade Lapa, que fica em Potiretama-Ce. Inicialmente, foram feitas entrevistas verbal e informal, consultas bibliográficas em livros e artigos com os temas semelhantes à pesquisa para fortalecer o diálogo com autores. A pesquisa conta com documentos e imagens de fatos e eventos de grande relevância, ocorridos na comunidade Lapa, visa contribuir para o desenvolvimento do tema tratado.

5. REVISÃO DE LITERATURA

Expõe-se na revisão de literatura uma breve explanação de uma obra recente elaborada no ano de 2018, no mesmo campo de pesquisa deste trabalho que acontece na comunidade Lapa, no município de Potiretama-CE. Sendo que este trabalho foi desenvolvido com a finalidade de mostrar concepções sobre o impacto de projeto ligado ao capital em comunidade tradicional e a resistência dessa população, assim mostra-se o território de forma crítica e reflexiva.

5.1 Desenvolvimento social

Nestes últimos anos, a comunidade Lapa vem sendo abordada por inúmeros olhares curiosos, alguns por parte de pessoas que têm o interesse de desenvolver projetos de pesquisas para graduações, cursos e até mesmo trabalhos a título de doutorado, como é o caso que está acontecendo em momentos mais recentes. Este espaço revela vários elementos que visam embasar profundamente estes projetos, mais é fato que não queremos que nossa comunidade seja para além de objetos de pesquisa mais um território de vida e fartura para as famílias que aqui vivem.

A comunidade Lapa tem um campo de pesquisa diferenciado das demais comunidades da região, pois esta tem vários elementos que a tornou singular ao longo do tempo e de seu desenvolvimento. Antes, a Lapa era um território indígena, mas ao longo do tempo, condicionada pelas várias migrações e ataques as diversas tribos indígenas que ocorreram em muitas regiões do Ceará, assim, com a chegada da família Moura, os(as) poucos(as) indígenas que transitavam-na comunidade, aos foram peregrinando em busca de outros lugares onde houvesse mais contato com a natureza e menos com o homem.

Com a chegada da família Moura no território, começou o desenvolvimento, que se deu de forma gradual, com a construção de casas de taipa (sendo que as primeiras casas construídas foram feitas pelos indígenas, mais com a ausência deles(as) algumas foram ocupadas pelos Moura, sendo que eles foram construindo as deles gradualmente).

Mais precisamente, nos anos iniciou, assim, o cultivo da agricultura, as celebrações, as criações feitas da argila (como tijolos, pratos e panelas), patrimônios físicos com grandes estruturas (como cacimbões, casas de farinha, de engenhos,

açudes, cercados de pedras) e produtos feitos da palha da carnaúba (como chapéus de palha e bolsas), essas particularidades chamavam a atenção dos olhares das comunidades mais próximas.

Dessa forma, foi se desenvolvendo um relacionamento de respeito e cuidado entre o homem e a natureza e sua ancestralidade. Porém, à medida que esses processos começaram a evoluir, começaram a surgir formas de opressões como, por exemplo, os moradores tiveram que lutar para não se tornarem trabalhadores explorados nas terras de proprietários que começaram a morar nas redondezas e que queriam se apossar das terras e ter mão de obra quase de graça.

No final do ano de 2003, tem início um processo de violação dos direitos humanos irreparáveis, além dos grandes impactos na natureza com a implantação do projeto da Barragem do Figueiredo, que vestiria uma roupagem de progresso, mas que massacrava 120 famílias distribuídas entre o assentamento Boa Esperança, São José dos Famas e a Lapa.

As comunidades passaram mais de 14 anos lutando para ter direito a moradias, ter acesso ao valor dos respectivos laudos, à água, energia, e à terra para produção, sendo estes os pontos mais reivindicados de imediato. No ano de 2016, houve a ocupação em uma área de terra remanescente próximo ao território atingido pela barragem e que ficara próxima à comunidade Lapa, que foi conquistada por estes trabalhadores pressionando o DNOCS a dar o direito a eles de utilizarem essas terras para produção do sustento das famílias, tendo em vista que a localização das agrovilas não é viável para a realização de cultivos devido a presença de afloramentos rochosos que impedem o desenvolvimento de culturas de subsistência.

5.2 Concepções reflexivas distintas sobre os processos ocorridos na Comunidade Lapa.

É importante salientar que com o advento da obra da Barragem do Figueiredo e as diversas conflitualidades causadas pela mesma. Trazemos à tona a necessidade de uma sistematização dessas histórias de resistências da Comunidade da Lapa. Para auxiliar nas devidas escritas recorre-se ao trabalho monográfico de autoria de Lucimário Moura que o intitulou de: Comunidade da Lapa e Barragem do Figueiredo: um processo de luta e resistência em defesa do território.

Esse assunto aborda uma percepção mais voltada para o projeto capitalista e a organização comunitária desse território. Segundo Moura (2018): “O principal objetivo foi a compreensão do processo de organização causado pelos tensionamentos da barragem do Figueiredo”.

Trazendo um aprofundamento da questão provocada pelo projeto capitalista e seus impactos na vida das famílias e nos territórios dos(as) atingidos(as) por mais uma obra de caráter rentista no campo, este trabalho aborda os temas como projeto capitalista, movimentos sociais e organização comunitária. Lucimário, em sua pesquisa, salienta que não existem mais comunidades tão isoladas, pois estes projetos estão cada vez mais à espreita das áreas com recursos naturais abundantes.

Nesse caso, a comunidade Lapa traz um elemento fundamental que amplia seus horizontes de resistência junto a permanência do território e a manutenção de suas vidas como camponeses que é a terra como sendo um bem comum e que seu uso de dar de forma coletiva.

Assim, as discussões que se entrelaçam neste trabalho que visam mostrar o processo sob os olhares de quem mora na comunidade e o saber popular para formação ao longo das gerações, pois, por meio deles, a cultura e a tradição são transmitidas com olhar mais ingênuo, mas de grande importância, uma vez que é um trabalho de construção de ordem coletiva.

6 O QUE É COMUNIDADE TRADICIONAL

Para se ter uma melhor compreensão acerca da importância da tradição, cultura e desenvolvimento do saber popular de um determinado lugar, é preciso primeiro compreender como se caracteriza o território, neste caso específico, uma comunidade tradicional. De acordo com o Decreto Federal nº. 6040, de 7 de fevereiro de 2000, os povos de comunidades tradicionais são definidos como:

[...] “grupos culturalmente diferenciados que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e utilizam territórios e recursos naturais conforme condição para sua reprodução cultural, social,

religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos por tradições”.

A cultura de um povo, expressada por um conjunto de elementos específicos de uma comunidade tradicional, que se verifica por meio de suas práticas, manifestações, sentimentos e simbologias, é caracterizada por um grupo particular de pessoas que tem participação ativa no corpo social. Sendo assim, a tradição de um determinado grupo é repassada ao longo do tempo para as gerações futuras.

O território é usualmente definido como uma área do espaço delimitada por fronteiras a partir de uma relação de posse ou propriedade, seja essa animal ou humana. Essa última apresenta versões políticas, culturais, econômicas, regionais, entre outras. O termo território vem do latim “*territorium*”, expressão que se referia a uma terra delimitada ou sob uma dada jurisdição. A cultura popular desse território é transmitida oralmente pelos indivíduos mais velhos para os mais novos da comunidade, é a crença do povo. Cada organização social, em sua complexidade, é estabelecida como uma unidade de cultura própria capaz de evidenciar uma tradição. Dessa forma, revela-se o equilíbrio entre a natureza e a cultura de um povo. Segundo Azevedo (1996):

Cultura é o conjunto de sentidos e significações, de valores e padrões, incorporados e subjacentes aos fenômenos perceptíveis da vida de um grupo social concreto, conjunto consciente ou inconscientemente, é vivido e assumido pelo grupo como expressão própria de sua realidade humana e passada de geração em geração, conservando assim como foi recebido ou transformado efetiva ou pretensamente pelo próprio grupo (AZEVEDO, 1996, p. 336).

Nesse contexto, há que se entrelaçar a cultura, a tradição e a educação popular. No que diz respeito à educação popular, esta é mais antiga do que a própria divisão social e técnica do saber, pois esta escoou por milhares de anos, culturas, tradições e gerações. A educação popular vem conduzindo, em sua natureza, o conhecimento popular, a coragem, a sabedoria, a dialogicidade, amorosidade, humanização, luta e resistência da ancestralidade, que lutava para proteger e fortalecer suas comunidades, diante dos desafios que eram impostos pelo tempo, clima, fauna, flora e as relações sociais entre outras comunidades. De acordo com Brandão (2012):

Então as pessoas aprendem. Como ensinar e aprender torna-se inaceitável para que os grupos humanos sobrevivam agora e através do tempo, é necessário que se criem situações onde o trabalho e a convivência sejam também momentos de circulação do saber. Entre

mundos e homens muito remotos, onde emergira ainda nossa espécie – homo sapiens este é o primeiro sentido em que é possível falar de educação e de educação popular [...] (BRANDÃO, 2012, p.22).

As comunidades em geral e as tradicionais específicas vieram, ao longo dos séculos, perdendo seus espaços geográficos e observando as diluições de seus traços culturais e tradicionais diante da força dos elementos advindos da sociedade pautada no individualismo e no consumismo de forma exagerada. Assim, os próprios indivíduos, em parte, vão se alienando e se distanciando da essência individual e coletiva da qual fazem parte na comunidade.

Dessa forma, os povos tradicionais resistem e defendem seus territórios e sua identidade cultural, reafirmando a importância de suas origens e, conseqüentemente, abrindo espaço para conviver com o novo na breve dinâmica mutável da sociedade. Faz-se importante aqui frisar que a comunidade não deve se perder de sua própria essência com o passar do tempo. Segundo Brasil (2013):

[...] povos e comunidades que têm seus modos de vida, produção e reprodução social relacionado predominantemente com o campo, a floresta, os ambientes aquáticos, a agropecuária, e o extrativismo: camponeses, agricultores familiares, trabalhadores rurais assentados e acampados; comunidades de quilombos; populações que habitam ou usam reservas extrativistas; populações ribeirinhas populações atingidas por barragens; outras comunidades tradicionais (BRASIL, 2013^a, p. 34).

Este trabalho tem por objetivo destacar a importância de uma comunidade tradicional, desde a ocupação do território, sua cultura, saber popular, tradições que permeiam o espaço, bem como dar destaque a vida dos envolvidos, já que estes compõem o cenário nas mais variadas mobilizações comunitárias e populares dos momentos importantes da construção histórica em defesa do território.

6.1 Breve história da comunidade da Lapa

A comunidade Lapa é um território tradicional, que se localiza a 18 km da sede do município de Potiretama-Ceará, e fica a 270 quilômetros da capital do Estado. A comunidade antes era habitada por indígenas (Potiguara da Paraíba). Logo, este território tem como uma de suas particularidades, ser constituído por uma única

família, esta se autos segregava e mantinha laços sociais, afetivos e conjugais apenas entre eles.

Figura 1: Caminho de pedra dos índios Potigura.



Fonte:Acervo da autora, 2020.

Com o passar dos tempos, as pessoas que ali passaram a morar foram colonizando e construindo, patrimonial e culturalmente, seu modo de vida e organização social de acordo com os aspectos tradicionais familiar do território, reproduzindo antigos costumes e criando novas tradições em decorrência do novo espaço em que escolheram viver.

Dessa forma, revela-se que a comunidade Lapa foi colonizada por uma única família com o sobrenome Moura. A família Moura então optou por ficar no território em razão de haver ali boas terras e água. Além disso, encontraram condições favoráveis para se estabelecerem. Assim se formou uma das primeiras comunidades do então município de Pereiro que, posteriormente, seria dividido em outros municípios. Segundo Freire (2010):

Os camponeses desenvolvem sua maneira de pensar e de visualizar o mundo de acordo com as pautas culturais que, obviamente se encontra marcada pela ideologia dos grupos dominantes da sociedade global que fazem parte. Em sua maneira de pensar, condicionada por seu atuar ao mesmo tempo em que a este se condiciona, há muito e não de hoje, se vem constituindo, cristalizando. E se muitas destas formas de pensar e de atuar persistem hoje, mesmo em áreas que os camponeses se experimentam em conflitos na defesa de seus direitos, com mais razão permanecem naquelas em que não tiveram tal experiência. Naquelas em que a reforma agrária simplesmente não aconteceu (FREIRE, 2010. p. 37).

Pode se observa aqui que no território há uma relação de vida e troca. Os indivíduos convivem com a natureza e a cultura de forma que se mantenha o equilíbrio. Uma comunidade tradicional não reconhece a terra como uma fonte de exploração econômica, mas, sim, como um espaço de organização social e reprodução do saber existente em suas mais variadas formas, são povos que resistem e protegem o território.

Importante salientar que a família Moura é uma das famílias mais antiga do Brasil. Existe uma hipótese, que poderá ser comprovada ou não, de que poderá haver descendência direta da família Moura da Lapa com a família Moura que chegou ao Brasil retratado na citação abaixo. É claro que há necessidade de um estudo mais elaborado e profundo sobre o assunto, o que não se objetiva neste trabalho. Segundo a fonte da pesquisa:

Os Moura chegaram ao Brasil pelo litoral da Bahia em 1503, no navio de Bastião de Moura, o Espoir d'honfleur. Ele voltou para Honfleur na França ao final de 1503, e em 1504 passou outra vez pelo mesmo litoral brasileiro, da atual Bahia, e deixou mais parentes. E depois seguiu para Índia, numa missão comercial francesa, a primeira daquele país até a península indiana. Bastião conhecia exaustivamente as rotas oceânicas, não apenas por ser filho de João de Moura, o excepcional navegador português de meados do século XV. Também detinha no cérebro informações de uma família dedicada aos oceanos e mares desde os tempos remotíssimos. Naqueles tempos, a pessoa já nascia sabendo que profissão teria, pois inexistiam escolas, e os filhos eram sempre aprendizes da profissão paterna; entre os Moura, quem não era navegador era cartógrafo, e ambos eram igualmente comerciantes. (MOURA, Marcelo. Origem da família Moura. Disponível em: <http://blogdomarcelomourarn.bolgspot.com/2014/06/origem-da-familia-moura.html>> acesso em: 05 agost. 2020).

Francisco José de Moura (Chico Moco), um dos moradores da comunidade Lapa, relata um pouco sobre a memória de como se deu o contexto sócio-histórico da comunidade pelos primeiros habitantes da família Moura, que decidiram permanecer no território e colonizar essas terras. Conforme ele:

A história da comunidade Lapa, se dar em continuidade pelo José da Lapa que era filho de Antônio de Moura, ao qual somos todos descendentes sendo que o mesmo era dono de todas as terras da comunidade. Eu me lembro, quem realizou isso aqui foi o José da Lapa que era filho de tal de Antônio de Moura, ele era quem era dono de todas essas terras, cercado do juazeiro, todo mundo até aquele Chico Rufino, todo mundo aqui veio da descendência daquele José da Lapa. Esse Antônio de Moura, eles vieram da Paraíba, ele era casado com uma índia, quando eles habitaram por aqui, aqui tinha ninguém não, aqui tinha índio. Uma cerca de pedra que eles atravessavam, que era por trás da casa vea de Antônio, ai eles passava por lá. Ai agente tem parte de índio por causa disso. O

Antônio de Moura era vaqueiro, aí ele viu a índia, aí tentou casar com a índia [...] (CHICO MOCO, 2015).

A família Moura, desde suas origens, tem características marcantes e que predominam até os dias de hoje, apesar de já ter passado por um brando processo de miscigenação: é conhecida por apresentar uma fisionomia de cor da pele e olhos claros, a grande maioria tem olhos azuis ou esverdeados, cabelos lisos e loiros. Essas particularidades eram uma forma distinta de representação da família que se destacava aonde chegava.

De certa forma, essa fisionomia ainda resiste até hoje por conta da segregação que a família tem como uma marca em sua cultura, que nem sempre é bem vista por uma parcela da sociedade, mas que é justamente como se, pra essa família, fosse uma forma de preservação de seus traços, que carregam certos dogmas ancestrais, envolvendo também sua religiosidade.

É importante salientar a relevância de acrescentar a este trabalho, a origem do nome *Lapa*, que vem do Latim, e provém da origem geográfica, de acordo com o *Wikipédia* “*O topónimo de Lapa, deriva da designação dada a uma gruta existente na Freguesia, conhecida como “boca da lapa” (Portugal), também significa gruta ou uma designação que passou a ser dada a uma aldeia*”. Dessa forma supõe-se que a comunidade Lapa recebeu este nome da Família Moura.

Dando continuidade à trajetória, uma parte da família Moura permaneceu na comunidade Lapa e a outra seguiu rumo à caatinga. A comunidade se iniciou com seis casas de taipa. O nome do primeiro Moura que se casou com uma indígena era Antônio de Moura, um vaqueiro, sendo um dos moradores mais antigos da comunidade (veio do estado da Paraíba, da região conhecida como Cajazeira do Rio do Peixe).

Atualmente, os moradores da Lapa já estão entrando na oitava geração, contando a partir da chegada dos primeiros habitantes da família Moura no lugar. É importante frisar que este trabalho terá como marco temporal a chegada de Antônio de Moura no território, como o quadro a seguir mostra um pouco da trajetória de cada geração.

Figura 2. Tabela com a representação de um membro familiar de cada geração de Antônio de Moura.

NOME	GERAÇÃO	PERÍODO/ANO
Antônio de Moura	1 ^a	Suposição da chegada de

		Antônio de Moura foi por volta do ano de 1.770
José Pereira de Moura José da Lapa Estimativa 80 a 90 anos	2 ^a	Por volta do ano de 1800, construiu-se a primeira casa, sendo esta futuramente a casa de farinha da comunidade Lapa
Francisco José de Moura 84 anos	3 ^a	Nasceu em 1874 Morreu em 12 de abril de 1958
Firmino José de Moura. 92 anos	4 ^a	Nasceu em 1906 Morreu em 1998
Margarida Maria de Moura Alves 79 anos	5 ^a	Nasceu no dia 20 de agosto de 1941
Antônia Alves de Moura 51 anos	6 ^a	Nasceu em 5 de julho de 1969
Felipe Alves de Moura	7 ^a	6 de agosto de 1997
Henrique Alves de Moura	8 ^a	Nasceu em 4 de fevereiro de 2018

Acervo: Construção da autora (dados coletados através de entrevistas com os(as) moradores(as) da comunidade).

Essas informações são importantes para montar o quebra-cabeça da história da Lapa que, ao longo do tempo, vem tendo uma parte fragmentada, enquanto outra parte vem sendo esquecida pelo fato de, possivelmente, as referências dos saberes e práticas estarem sendo repassadas para as gerações seguintes de forma oral, perdendo, assim, a profundidade dos detalhes, porque, até então, essa memória não era registrada na forma de um documento palpável.

Assim sendo, não é possível delimitar fielmente o tempo exato de quando se formou a comunidade. Por esse motivo, usa-se sempre a referência da chegada da família Moura para fazer uma delimitação de tempo, com contribuições de vários sujeitos envolvidos para fortalecer as informações da sistematização.

Segundo Jara H. (2012):

Partindo dessa consideração, podemos afirmar que uma das mais importantes utilidades da sistematização de experiências é que nos serve para trocar e compartilhar *aprendizagens* com experiências similares. Isto é muito mais que, simplesmente, “intercambiar relatos sobre as nossas experiências” (Jara H, 2012, p.122).

Nesse depoimento, percebe-se um conhecimento geral que se tem na comunidade acerca de suas origens e de seus moradores mais velhos, compreendendo-se que já não há mais tanta profundidade nos detalhes, pois é um conhecimento de memórias e elementos que vêm sendo esquecidos ao longo de cada geração, mesmo que repassados. Por isso, os moradores da comunidade começam a perceber a importância de se registrar os saberes e práticas que existem no lugar.

6.2 O saber popular específico do território

A comunidade Lapa é um berço de histórias, existindo conhecimento popular em quase tudo. Aqui se entrelaçam as raízes da ancestralidade familiar no barro que dá vida à comunidade, perpetuando as histórias desse com o passar do tempo, além de criar e recriar costumes e tradições nos territórios por onde transpassa, cria raízes e evolui.

A tradição representa tudo aquilo que uma determinada história, compartilhada por uma sociedade, deixa no passado, apesar deste processo sofrer transformações. A importância da preservação desses elementos é de fundamental relevância para que determinada comunidade tradicional permaneça viva em seu contexto sócio-histórico.

A comunidade é tradicional justamente porque ela se transforma e, mesmo assim, continua preservando suas origens. Daí a importância do saber popular na comunidade tradicional, pois, a partir da percepção dos indivíduos, ela fortalece a educação popular como base para compartilhar e propagar costumes tradicionais, bem como evidenciar os processos educacionais e organizativos de uma comunidade tradicional rural formal e não formal. Assim, esclarece aos indivíduos em questão para que tenham consciência de seus atos para preservar a

historicidade de sua comunidade sem perder suas origens. Segundo Freire (2010, p.36):

Daí que não possa compreender e, quando compreende, não dê a devida importância ao fato de que, transformando a realidade natural com seu trabalho, os homens criam o seu mundo. Mundo da cultura e da história que, criado por eles, sobre eles se volta, condicionando-os. Isto é o que explica a cultura como produto, capaz ao mesmo tempo de condicionar o seu criador.

O saber popular também pode ser uma forma de fortalecimento das expressões e atividades cotidianas individuais, comunitárias e da mobilização popular que estes indivíduos têm como um dos objetivos para reivindicar seus direitos, de modo a contribuir para a melhoria e construção de uma nova realidade, preservando as origens e tendo consciência desta. Assim, diante de alguns impactos sofridos, os costumes e a realidade social local podem acabar passando por um processo de decodificações desenvolve novas formas de conviver entre o velho e o novo.

De acordo com Freire (2014) ressalta os resultados das relações do homem com a realidade:

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura (FREIRE, 2014, p.60).

Assim, a comunidade Lapa foi evoluindo a partir de uma parcela da família Moura que decidiu permanecer no território. Inicialmente, foi construída seis casas de taipas, essas casas foram feitas do barro da própria comunidade. Ao longo do tempo, a comunidade cresceu e as casas foram aumentando, criou-se também outras formas de atividades cotidianas.

O modo de vida das populações tradicionais é marcado pela posse coletiva dos territórios e são também amplamente reconhecidos como culturas que não degradam o meio ambiente. Mais que isso: essas populações são as maiores responsáveis pela preservação de diferentes ambientes, estejam eles nas zonas costeiras, nos sertões, nas serras e nas florestas. Afirmar isso para a sociedade e ter garantido à diversidade é mais do que justo; é necessário e urgente (RBJA, 2011, p. 12).

7 INÍCIO DO DESENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE LAPA

Inicialmente na lapa foi construída seis casas de taipa, uma delas pertenceu a Francisco José de Moura que, posteriormente, se mudou e deixou a casa para ser um armazém onde era usado para guardar bagaço de cana de açúcar. Depois de um longo período, seu filho, Firmino José de Moura, percebeu que este espaço poderia ser transformado para se tornar em uma casa de farinha.

7.1 Casa de Farinha

De acordo com Francisco José de Moura (Chico Moco), o pai dele, Firmino José de Moura, limpou a casa, e começou a organizar todo o processo de produção do aviamento para montar a casa de farinha. Essa atividade ocorreu em várias etapas, e o retorno da mesma foi bastante produtiva para a comunidade. Pois em torno dessa atividade desencadeou vários outros elementos que veio fortalecer a identidade desses habitantes.



Figura 3: Localização da casa de farinha

Fonte: acervo da autora, 2015.



Figura 4: Tijolo pertence ao forno da casa de farinha

Fonte: acervo da autora, 2016.

A mandioca era também plantada na própria comunidade e todo o processo era feito de forma coletiva. No período da farinhada, uma parcela dos indivíduos se reunia e participava de todo o processo, que precisava da mão de obra de, no mínimo, 14 pessoas. Era um trabalho pesado, mais que era preciso ser feito. Com o

passar dos anos, este momento de trabalho acabou virando um momento também de celebração.

Assim, as pessoas se encontravam na casa de farinha pra conversar, levavam comidas e bebidas, tornando o trabalho daquelas pessoas mais prazeroso. Neste período, todas as famílias que faziam parte da farinhada recebiam sua parte pelo trabalho realizado, que era uma quantidade específica do próprio alimento, e o resto da farinha que sobrava era vendido na cidade.



Figura 5: Bola de prensar mandioca

Fonte: acervo da autora 2015.



Figura 6: Painhol

Fonte: acervo da autora 2015.

Desse modo, o aviamento foi basicamente feito todo à mão por Firmino José de Moura. O processo do trabalho em madeira, como a prensa, em que era posta a massa da mandioca para prensar, foi feito de uma forma que este foi feito de madeira e não levava nenhum prego. Isso chamava bastante a atenção para formar e qualidade desse ofício exercido naquela época.

Figura 7: Prensa artesanal feita por Firmino José de Moura



Fonte: acervo da autora, 2015.

Segundo relatos de alguns moradores da comunidade, a casa durou quase 250 anos de existência, vindo a cair no inverno forte de 2004. Por estar na área atingida pela barragem do Figueiredo e por ter sido indenizada, a casa não poderia mais passar por processos de reparo.

7. 2 Casa de engenho

Assim, à medida que o tempo ia passando, a família e a comunidade iam crescendo; eles foram fazendo os tijolos, construindo as primeiras casas, sendo uma delas escolhida para ser a casa de engenho.

De acordo com os relatos de alguns moradores da comunidade, a casa de engenho foi a primeira casa de tijolo construída na Lapa. Francisco José de Moura (Chico José) foi quem idealizou e contribuiu para o processo de materialização, já que a casa foi construída em cima das terras do senhor José da Lapa. Assim, a ideia foi repassada e refletida entre os membros da comunidade no ano de 1906.

Conseqüentemente, entre os anos de 1933 e 1934, a casa de engenho foi construída na comunidade Lapa. A cana de açúcar foi plantada na própria

comunidade e o motor foi importado, sendo carregado no lombo de um jumento léguas e léguas. O motor do engenho tem peças de ferro que contêm três engrenagens. Datado do ano de 1911, foi importado do USA (EUA, Estados Unidos da América) e foi trazido para o território no lombo de um jumento que caminhou muitas léguas até chegar a seu destino final.

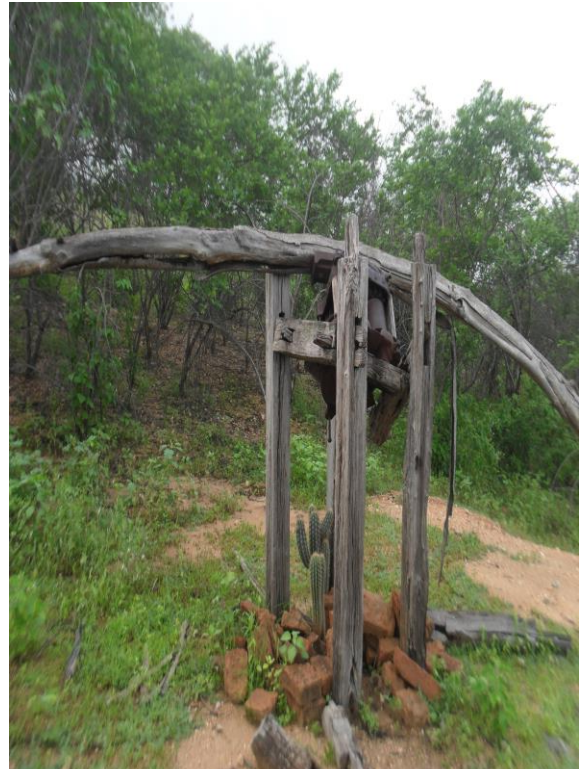
O seu modo de funcionamento acontecia da seguinte maneira: colocava-se um pau de uma madeira forte e dois bois, um em cada ponta, que iriam girando e movendo as engrenagens. Desta maneira, as canas de açúcar eram inseridas dentro da engrenagem para serem moídas e, por um espaço, escorria a garapa caindo dentro de um recipiente grande chamado de paiol, que era feito de ferro. Do caldo da cana, era feita a rapadura, entre outros derivados. Observa-se, em relatos, que a casa de engenho da comunidade Lapa foi considerada, pela população, um dos melhores engenhos da região, e a primeira moagem aconteceu no ano de 1934.

Figura 8: Motor da casa de engenho.



Fonte: acervo da autora, 2015.

Figura 9: Espaço da casa de engenho.



Fonte: acervo da autora, 2015.

Figura 10:Antigo engenho



Fonte: acervo da autora, 2015.

7.3 Açude da Lapa

Outra obra de grande relevância para a comunidade é o açude da Lapa, que teve como seu planejador e executor o senhor Francisco José de Moura (Chico José). Esta obra é do ano de 1919, portanto, é centenária, e a sua construção foi toda manual, feita apenas por alguns moradores da Lapa e parentes de Chico José, sendo um dos motivos pelo qual o açude da Lapa demorou mais de nove anos até a finalização de sua construção.

Naquela época, as pessoas viviam um período de grandes desafios, a matéria-prima era quase toda feita de forma artesanal e os carros de mão eram feitos de couro e madeira. Utilizavam-se os animais para transportar a terra, que era retirada por meio de um cassoar de um lugar pra outro. O 'cassoar' era feito de couro de animais domésticos. Outras ferramentas de trabalhos foram utilizadas, como inchadas e pás, sendo que uma parte desses instrumentos de trabalhos não tinha nenhuma grama de ferro.

Os instrumentos de trabalho eram feitos de forma artesanal pelo fato de, naquele período, as famílias não terem condições financeiras para comprar. Os dias de serviço que alguns moradores da comunidade prestavam eram trocados. Percebe-

se aqui que as obras demoravam a ser construídas por conta das dificuldades daquele tempo e devido às poucas condições das famílias.

De acordo com Francisco José de Moura (Chico Moco), a obra possivelmente foi finalizada entre meados dos anos de 1928 a 1929. Esta obra é de grande benefício para a comunidade, pois este açude era utilizado para plantar capim que alimentaria os animais. No período do verão, quando a água do açude baixava, plantavam-se vazantes, e o cultivo era geralmente de feijão, milho, melancias, abóboras, pepinos e algodão.

Costumava-se colocar alevinos (de peixes tilápias) para, futuramente, servir como base de fonte alimentar. Além disso, a própria água do açude servia para a manutenção diária dos afazeres domésticos dessas famílias. Tendo em vista que a construção dessa obra foi feita de uma forma que, praticamente, não degradava o meio ambiente, era uma fonte de vida que sustentava as vidas que estavam ao seu redor.

Assim, o açude também era utilizado para banhos como forma de lazer, e as mulheres da comunidade se reuniam pra lavar roupa próximo dele, porém, o cuidado de manter a água sempre limpa era fundamental, por isso eram feitas levadas onde a água de sabão era contornada e ia parar distante do açude.

Ao longo do tempo, um dos proprietários de terras mais próximo começou a comprar partes do açude. Aqueles donos que passavam por grandes dificuldades financeiras e que, muitas vezes, tinham dificuldades de sustentar a casa e os filhos, segundo relatavam moradores da comunidade Lapa em conversas informais, as gerações de algumas famílias da comunidade que iam recebendo esse patrimônio como herança se viam, por vezes, obrigados a se desfazer de suas terras. Devido a isso, fazendeiros se aproveitavam da situação e exploravam estes indivíduos, principalmente quando eles demonstravam grande necessidade em realizar um determinado negócio.

Muitos moradores vendiam sua parte na intenção de receber o dinheiro de forma imediata, porém o proprietário ou filho dele demorava a pagar, parcelava em várias vezes, de maneira que não dava pra fazer outro negócio com o dinheiro que recebia. Outras vezes, tinha que receber o valor em alimentos, como, leite, nata, ou recebiam um vale pra ir até a cidade fazer uma pequena compra. Segundo relatos, depois do negócio feito, era muito difícil desfazer pelo fato de, primeiramente, os proprietários imporem medo e pressão sobre estes indivíduos.

O açude da Lapa existe até hoje e grande parte de seu espaço ainda pertence a uma pequena parcela da sexta geração dos moradores da comunidade. Atualmente, o açude está dentro da área atingida pela construção da barragem do Figueiredo, sendo que os moradores ainda o utilizam, porém, de forma consciente, até o dia em que o DNOCS permitir ou a barragem Figueiredo tomar a água.

Figura 11: Centenário açude da Lapa.



Fonte: acervo da autora, 2015.

7.4 O cercado de pedra

Dando sequência a história da construção do cercado de pedra idealizado por Francisco José de Moura (Chico José), esta foi realizada mediante trabalho braçal sofrido e teve início no ano de 1914. A obra ficou parada no ano de 1915 devido a uma grande seca, voltando a ser construída no ano de 1916, sendo finalizada no ano de 1928 de acordo com as palavras de Firmino José de Moura, que relatou em vida a história para sua neta Antônia Alves de Moura.

O cercado de pedra durou, em média, 13 anos de construção. Este processo se deu da seguinte forma: quebravam-se as pedras, que eram tiradas do seu local de origem e arrastadas por quilômetros. Depois, estas eram postas uma sobre a outra durante vários quilômetros, sendo que uma parte ficava visível dentro da comunidade e a outra parte ficava mais escondida, incorporando-se como parcela da divisão da manga.

De acordo com a memória de Leônidas, antigamente, essas cercas de pedras ou de madeira amarradas eram construídas pelo fato de não existir arame ou por ser muito caro comprar este produto. Além disso, esse tipo de construção era mais duradouro, alcançando as gerações futuras. Naquela época, os tempos eram mais desafiadores.

Os trabalhadores da comunidade Lapa, no período do processo dessa construção, se esforçavam muito, pois utilizam instrumentos feitos de couro, em que colocavam uma tira na cabeça e outra na barriga. Essas tiras se ligavam a uma espécie de tábuas de madeira ou ferro, em que eram colocadas várias pedras e os trabalhadores, com a força do corpo, saiam arrastando por quilômetros este instrumento que se chamava, na linguagem da época, de 'praviola'.

Leônidas salienta que estes trabalhadores usavam uma cinta de couro na barriga, bem apertada, para poder dar sustentabilidade e evitar que eles viessem a ter problemas de hérnia no corpo em consequência da enorme quantidade de peso que eles carregavam. A longa jornada de trabalho e o período de fome e sede excessiva que eles escolhiam para terminar a construção mais rápida prejudicava a saúde deles. Assim, com o passar do tempo, muitos desistiam, enquanto outros continuavam, pois desejavam concluir essa atividade.

O que se percebe é que a feitura do cercado de pedra, para muitos, era desnecessária, uma vez que as pessoas gastavam seu tempo de vida e sua saúde pra construí-lo. Esse tipo serviço era visto, por muitas pessoas de comunidades vizinhas, como uma ignorância dos que ali trabalhavam. No entanto, estes homens, ao construírem a cerca de pedra, estavam fazendo um registro histórico da evolução da comunidade, mesmo que não soubessem ler ou escrever, já que cada pedra posta guardava uma história, um esforço e um sopro de vida. Sabe-se que, por falta de registro, muitos nomes se perderam, porém, a memória histórica de que alguém existiu e deixou algo permanece viva. Hoje, esses trabalhadores são lembrados pelo legado que deixaram enquanto estavam vivos.



Figura12: cercado de pedra construído pela família Moura.

Fonte: acervo da autora, 2015.

7.4 Grupo escolar Francisco José de Moura

De acordo com Maria José de Moura (uma das professoras que passou mais tempo ensinando relata alguns fatos), a escola Francisco José de Moura foi construída no mandato, do prefeito de Iracema, Roque Paes de Almeida que, na época, a comunidade Lapa pertencia ao município de Iracema.



Figura 13: Grupo Escolar Francisco José de Moura

Fonte: Acervo da autora, 2015.

A seguir, será apresentado, em ordem cronológica, o período de cada professora. Segundo Maria José de Moura, as duas primeiras professoras dessa escola foram Maria Martins Magalhães e Maria das Graças de Moura Magalhães, que ensinaram no ano 1978. A terceira professora foi Josefa de Moura Freire (por volta dos anos de 1979). Letícia Moura ensinou por volta dos anos de 1980 e Maria José de Moura, no ano de 1982 até 1996, passando, assim, 14 anos como professora. E Terezinha Maria de Moura Alves foi professora na comunidade no ano de 1996 por diante, sendo a última também no ensino regular infantil e juvenil, pois, na comunidade, não tinha mais alunos suficientes para manter a escola aberta.

A educação trazia as marcas conservadoras da didática daquela época. Segundo Terezinha, antes mesmo de existir escola naquela comunidade, algumas pessoas que saibam ler e escrever ensinavam as crianças na casa delas. Aqueles filhos cujos pais podiam pagar o estudo tinham um acompanhando particular. Mas,

mesmo assim, o ensino era muito precário devido à fragilidade do pouco conhecimento dessas pessoas que tentavam ensinar.

A escola Francisco José de Moura democratizou o ensino de maneira que as crianças e jovens puderam ter acesso ao conhecimento mais adequado, dando, assim, oportunidade de estudar não só aqueles indivíduos que tinham mais condições, mas a todos aqueles que dela necessitavam, levando a alfabetização à idade certa.

Foi notória a diferença da comunidade Lapa antes e depois da construção da escola Francisco José de Moura, pois os moradores da comunidade aprenderam a ler e interpretar, passando, assim, a ter acesso a documentos e negócios com mais habilidades. A comunidade da Lapa passou, então, a reproduzir um comportamento mais diferenciado, provocando certa revolução na realidade local.

Percebe-se aqui que houve a influência do método freiriano:

O método Paulo Freire não ensina a repetir palavras, não se restringe a desenvolver a capacidade de pensá-las segundo as exigências lógicas do discurso abstrato; simplesmente coloca o alfabetizando em condições de poder reexistenciar criticamente as palavras de seu mundo, para, na oportunidade devida, saber e poder dizer a sua palavra (FREIRE, 2019, p. 17).

A cidade de Potiretama foi emancipada no ano de 1988, tendo como primeiro prefeito da cidade Valmir Diógenes Pinheiro. Com a emancipação da cidade, houve a divisão do território, cuja barragem do rio Figueiredo ficou sendo a divisa. Nessa época, a comunidade Lapa passou a ser município de Potiretama-Ce.

Com a construção da barragem do Figueiredo, o grupo escolar passou a pertencer à área indenizada, sendo que, até hoje, a comunidade espera que o governo local construa o novo prédio na localidade. Os moradores da comunidade não conseguem compreender o porquê de tanta demora, já que o valor em questão para construção do prédio foi liberado pelo DNOCS.

Este tópico, em específico, só foi possível de ser elaborado porque houve a contribuição de Francisco José de Moura – Chico Moco (*in memoriam*), de sua sobrinha Maria José de Moura e de Terezinha Maria de Moura Alves, ambas professoras dessa Instituição. É importante salientar que este grupo também funciona como a sede da urna eleitoral da nossa comunidade.

8 CURA PELA FÉ: AS CELEBRAÇÕES QUE ANIMAM A COMUNIDADE

Percebe-se que, mediante comportamento dos indivíduos e resguardo de suas simbologias de geração para geração, a Família Moura sempre cuidou dos hábitos de cultivar a espiritualidade. De acordo com passagens sócio-históricas da religião dessa família, que tem sobrenome judaico (*judeus sefardim*), assim como costumes, eles viveram entre a Espanha e Portugal.

A maior parte da família Moura, que escolheu Portugal como novo lugar para criar vínculos, foi submetida pela santa Igreja a mudar de religião por meio da força, passando, assim, a ser conhecida como “Cristãos Novos”. No entanto, ao longo dos anos, foram ganhando espaços de relevância na sociedade portuguesa, ainda que obrigados a mudar alguns costumes devido à imposição da religião. Já no Brasil, a realidade era outra, pois a maioria da família Moura não teve a oportunidade de vivenciar tantas oportunidades.

Na comunidade Lapa, seus habitantes continuam repetindo alguns costumes religiosos de seus antepassados ou dos mais recentes pela ancestralidade local, que acabou se misturando aos costumes indígenas locais daquela época até os dias atuais.

Esses indivíduos têm uma grande fé na cura pela reza. Assim, dentro do território, havia mulheres que realizavam, desde nova, a prática de benzer. As rezas se davam de formas diversas, desde uma oração para curar dores de cabeça, dores de dente, até orações mais fortes, como a reza pra curar vermelha. Esse conhecimento era passado geralmente de pais para filhos(as), mas havia a crença de que parte desses indivíduos já nascia com o dom da cura.

Segundo o autor Morin (2000):

Este é o modo de pensar que permite apreender em conjunto o texto e o contexto, o ser e o seu meio ambiente, o local e o global, o multidimensional, em suma, o complexo, isto é, as condições do comportamento humano. Permite-nos compreender igualmente as condições objetivas e subjetivas (self-decepção, possessão por uma fé, delírios e histerias). (MORIN, 2000, p.100).

Nesse processo, homens e mulheres da comunidade ainda costumam cultivar, no fundo de seus quintais, ervas medicinais: hortelã para curar a vista e dores de cabeça; a corama e a malva, para fazer lambedor para curar a tosse e o resfriado; o mastruz, para dores nos ossos e tantas outras variedades de ervas. Essas pessoas que plantavam também sabiam manusear plantas na hora do

preparo das receitas desses remédios caseiros. Eles traziam consigo o conhecimento e a técnica para lidar com os elementos da medicina natural.

A comunidade, em determinado período de tempo, contava com os cuidados de uma parteira (Amália Magalhães de Moura), que, na maioria das vezes, dava toda assistência na hora do nascimento das crianças da comunidade, uma vez que a Lapa é uma comunidade que fica muito afastada da cidade. Além disso, não havia transporte para levar as mães para ter seus filhos no hospital da cidade. Então, tudo se resolvia com a parteira da localidade.

Na comunidade Lapa, existiam ainda os famosos profetas populares. Eles eram dotados de sabedorias, mistérios e faziam grandes adivinhações. Realizavam também experiências (fenômenos climáticos, religiosos) e previam sobre determinados assuntos da vida pessoal e cotidiana da população da comunidade. Estes indivíduos eram muito respeitados e, na maioria das vezes, estavam certos.

As festividades, conhecidas como tertúlias, que aconteciam na comunidade, eram uma espécie de 'farró pé de serra' que sempre ocorria aos sábados. A juventude da comunidade se reunia numa casa de família, a qual tinha espaço amplo, e chamavam os tocadores, formados por um grupo de moradores da própria comunidade, para animar a festa. Os rapazes, com interesse em dançar com as moças da comunidade, viam, nessas atividades festivas, a oportunidade para cortejá-las e ter um contato mais íntimo.

É importante dizer que os moradores dessa comunidade eram conservadores, sendo forte a questão do patriarcado e do machismo. Assim, as mulheres geralmente sofriam mais punições e restrições nessa época. Nos dias atuais, infelizmente, ainda é presente o machismo, embora de forma mais branda.

Estes jovens se reuniam e pagavam o papel de energia do dono da casa como forma de retribuição pelo espaço, assim, o senhor continuava cedendo o lugar para as tertúlias e todos saíam ganhando. Nestas festividades realizadas nos finais de semana, as moças e rapazes dançavam e, geralmente, acabavam namorando e até casando. Segundo relatos dos moradores mais velhos, as moças só participavam desses espaços se fosse acompanhada pelos irmãos ou pais.

A festa da casa nova, que era conhecida como 'amassar o barro', acontecia da seguinte forma: as pessoas quando iam morar na casa nova, faziam uma festa para todos dançarem em cima do piso de barro de maneira a ficar bem batido. Por

um determinado período, as famílias não tinham condições de cimentar suas casas, e foi a partir da ideia de um morador que surgiu essa tradição de 'amassar o barro'.

A comunidade se envolvia no emaranhado de costumes, crenças, saberes e tradições que dava movimento a vida que fluía no território. Esses elementos eram repassados oralmente e por meio de práticas para as gerações seguintes. E, assim, cada etapa desse processo se tornava uma forma específica de tradição e saber popular da comunidade Lapa. De acordo com Brandão (2006):

Um saber da comunidade torna-se o saber das frações (classes, grupos, povos, tribos) subalternas da sociedade desigual. Em um primeiro longínquo sentido, as formas – imersas ou não em outras práticas sociais –, através das quais o saber das classes populares ou das comunidades sem classe é transferido entre grupos ou pessoas, são a sua educação popular (Brandão. 2006. P. 34).

9 AGRICULTURA FAMILIAR E SUA INFLUÊNCIA NO MODO DE VIDA E SAÚDE DOS HABITANTES DA COMUNIDADE

Esses saberes populares sobre as formas de fazer e como fazer eram repassados para as gerações seguintes. Assim, durante muitos anos, os moradores da comunidade Lapa tinham sua autonomia em relação à produção. Observa-se que a organização e o planejamento dos indivíduos diante do trabalho coletivo se davam pelo modo de vida da população tradicional, que era marcado pela posse coletiva de territórios e pela forma de cultura que não degradava o meio ambiente. Segundo a pesquisa da Rede Brasileira de Justiça Ambiental (RBJA) (2011):

Por termos relações diretas com os bens naturais, seja para a agricultura camponesa, pesca artesanal, coleta de frutos, folhas e sementes e outras formas de ocupação, usos e manejos desses bens, nossos territórios podem ser identificados como tradicionais (p.12).

De acordo com relatos de um morador da comunidade Lapa, Manel Pinheiro, antigamente a perspectiva de vida dos habitantes do território era bem maior que hoje, pois os próprios moradores produziam praticamente 80% de tudo o que eles consumiam e usavam. Esses indivíduos tinham o costume de se manter ativos até uma idade avançada, exercendo atividades na agricultura, na pesca, no artesanato e em trabalhos como ferreiro, mestres de obra, carpintaria (trabalho manual). Também compartilhavam histórias e atividades que necessitavam de um determinado nível de

raciocínio e conhecimento. As imagens abaixo mostram o retrato de dois homens que se mantiveram ativos e lúcidos até os últimos dias de suas vidas.



Figura 14: Antônio Alves de Moura

Fonte: acervo da autora, 2015.



Figura 15: Francisco José de Moura

Fonte: acervo da autora 2015.

Algumas práticas alimentares contribuíram para a saúde desses indivíduos. Uma delas se dava porque eles mesmos plantavam e realizavam todo o processo necessário até o alimento ir para a mesa de cada família. Viviam, então, de forma saudável, pois não havia, àquela época, adição de agrotóxicos nas plantações e nem o consumo de produtos industrializados. E os temperos eram plantados nos quintais da casa deles, ou seja, eles já nasciam cultivando e disseminando hábitos saudáveis em sua forma alimentar.

As famílias plantavam, em suas terras, geralmente a fruta do conde, o feijão, o arroz, o milho, melancias, pepinos, jerimum, dentre outras leguminosas. Em seus

quintais, era plantada uma diversidade de plantas frutíferas, hortaliças e de ervas medicinais. Assim como o algodão, em espaços mais amplos e próximos ao rio, eles cultivavam também a oiticica, fruto utilizado na fabricação de sabão caseiro.

Estes indivíduos também montavam seus instrumentos de trabalhos, como é o caso dessa capinadeira logo abaixo, que era utilizada na aragem da terra no início da plantação.

Figura 16: Capinadeira feita de forma artesanal



Fonte: acervo da autora, 2015.

A agricultura familiar tem seu modo de produção para subsistência desses indivíduos. Além da agricultura familiar, a população também criava animais para consumo alimentar, como galinhas, porcos, vacas, ovelhas e bodes. Também criavam animais domésticos para trabalho, como jumentos e cavalos. A caça e a pesca também eram comuns no território. Eles sempre trabalhavam de forma para manter o equilíbrio harmonioso entre a natureza e a cultura.

10 AS MUDANÇAS QUE PROVOCARAM POSSÍVEIS TRANSFORMAÇÕES NO TERRITÓRIO E NO MODO DE VIDA DOS INDIVÍDUOS COM O PASSAR DO TEMPO

Percebe-se que a comunidade Lapa passou por vários períodos marcantes em sua trajetória histórica ao longo dos tempos. Devido a isso, algumas tradições sofreram modificações, e outras simplesmente deixaram de existir. Assim, veio o novo trazendo grandes impactos, provocando uma ruptura no modo de vida desses habitantes, sem falar das consequências incalculáveis no território deles.

No final do ano de 2003, a Lapa passou a se ver num espaço de conflito e insegurança provocado pelo projeto de construção de uma barragem chamada de Figueiredo, que causou a desterritorialização de várias comunidades. A comunidade Lapa foi a mais comprometida, pois a população não tinha conhecimento por ser um território tradicional e assim foi fácil impor condições a quem não tinha entendimento do projeto ou da grandeza de suas criações tradicionais.

De acordo com Cleps (2010):

Na perspectiva de Raffestin (1993), o território configura-se como a manifestação espacial do poder fundamentada em relações sociais. Essa compreensão permite pensar o processo de territorialização-desterritorialização-reterritorialização, baseado, sobretudo, no grau de acessibilidade à informação, ou não, de símbolos e/ou de significados pode fazer surgir novos territórios (territorialização), destruí-los (desterritorialização) ou reconstruí-los (reterritorialização). (CLEPS, 2010, p. 36

Figura 17: Barragem do Figueiredo no período de sua construção



Acervo: Caritas Diocesana de Limoeiro do Norte, 2010.

A Barragem do Figueiredo impactou sobremaneira, o território, atingindo algumas comunidades como: Vila do São José dos Famas (município de Iracema); assentamento do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária-INCRA; Boa Esperança (Pilar), no município de Potiretama. A essência deste trabalho, no entanto, vai dar ênfase à comunidade Lapa por esta ser uma comunidade tradicional e ser foco deste trabalho.

Como os habitantes da comunidade não tinham este conhecimento da importância de preservar suas origens históricas, eles se deixaram influenciar por uma conversa bonita, pois não compreenderam, inicialmente, o que a equipe, que representava o DNOCS, iria fazer e quais seriam os impactos para a natureza e para a cultura do povo. Assim, grande parte do local geográfico foi atingida e indenizada, e o espaço em questão tinha a concentração dos bens artesanais, materiais e imateriais impactados.

Levou-se em consideração aqui o discurso do Estado que sempre impôs sua visão progressista de que a construção da barragem do Figueiredo era necessária nesta região para minimizar os impactos prolongados da seca que sofre o povo com longos períodos de estiagem. Sabe-se que a população costuma sofrer pela carência de água potável e insegurança alimentar, já que grande parte das famílias atingidas sobrevive por meio da agricultura familiar.

Com o passar do tempo, era visível que a maior parte do discurso da equipe do Departamento Nacional de Obra Contra a Seca – DNOCS não passava de promessas, e os atingidos começavam a se preocupar com aquela situação. A obra da barragem estava em andamento, porém, as indenizações a que estes tinham direito, bem como a construção de novas casas dos que foram atingidos, entre outras benfeitorias prometidas, estavam cada vez mais distantes da fala do DNOCS.

Além de promessas, estava acontecendo outro evento incomum na comunidade, qual seja, a divisão da população por meio de alienação. A equipe do DNOCS, a cada casa que eles visitavam para fazer o levantamento do estudo individual por família para a elaboração dos laudos, de acordo com as benfeitorias existentes de cada um, não dava explicações concretas a respeito do que eles tinham direito e o que perderiam, apenas atiçavam a ganância naqueles indivíduos, colocando-os uns contra os outros. Foi aí que a comunidade Lapa se dividiu em duas partes: uma que era contra o DNOCS, e outra que era a favor.

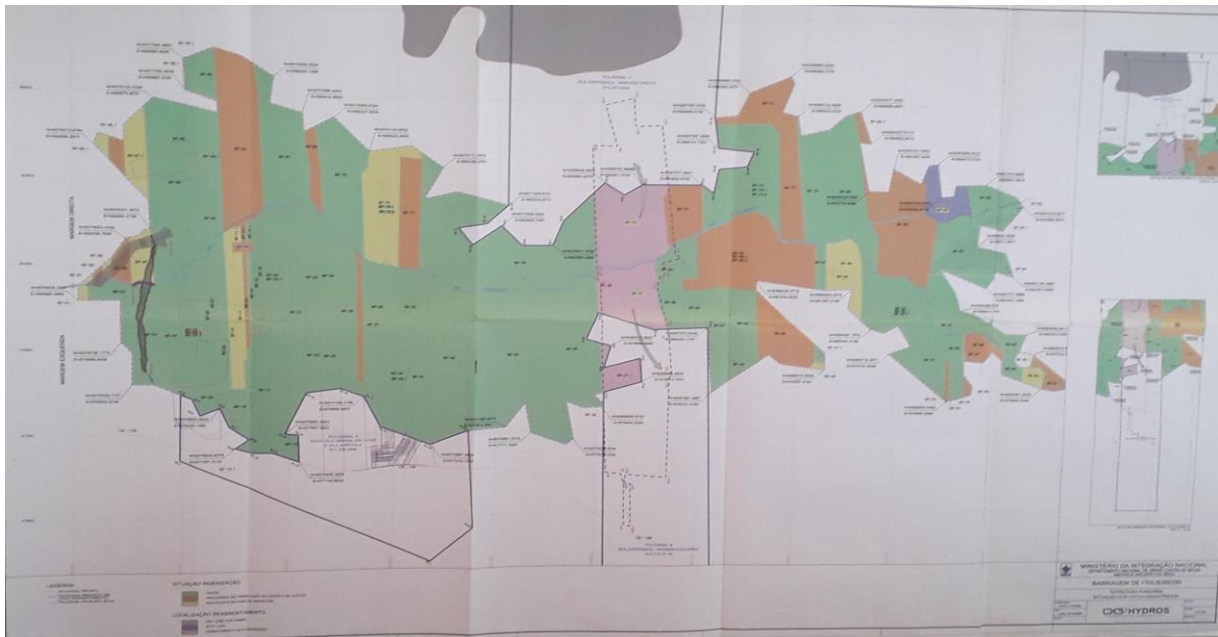


Figura 18: Mapa dos territórios atingidos pela barragem do Figueiredo.

Fonte: DNOCS.

O mapa acima mostra as áreas territoriais atingidas, direta ou indiretamente, pela barragem, bem como o local onde vai ser construída a obra do Figueiredo. Diante disso, surge o Movimento dos Antigos por Barragens (MAB), que chegou por volta do início do ano de 2004 e veio no intuito de contribuir, somando forças os que foram atingidos pela construção da obra, iniciando um trabalho de base e organização popular entre eles.

O MAB começou o trabalho de base na região, organizando politicamente seus habitantes, explicando-lhes os impactos que o projeto poderia vir a provocar na vida deles. Contaram ainda as experiências anteriores com outras barragens, relatando que os danos negativos na vida da população atingida foram imensuráveis. Assim, o MAB foi inserindo os atingidos nas lutas, na participação de reivindicações de seus direitos, nas negociações políticas que se perpetuaram durante anos, até o dia da paralisação da barragem do Figueiredo que estava praticamente concluída. Nesse período, os atingidos não tinham onde morar e nem tinham recebido suas indenizações.

BARRAGEM DO FIGUEIREDO: OS DOIS LADOS DA MOEDA!

VOCÊ SABIA???:

- Que nós moradores das comunidades de São José dos Famas, Assentamento Boa Esperança, comunidade da Lapa e demais atingidos, estamos a mais de 2 anos esperando que os nossos direitos sejam garantidos e enquanto isso a obra já se encontra nas fases finais;
- Que a barragem Figueiredo faz parte das obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), com capacidade para 520 milhões de metros cúbicos e conta com investimento de R\$ 120.000.000,87 milhões;
- A contradição entre o valor gasto com a obra (R\$ 120.000.000,87 milhões) e o não cumprimento dos compromissos sociais assumidos com as comunidades em pagar as indenizações, reassentamento e etc.



POR ISSO LUTAMOS E EXIGIMOS:

- ☞ Rediscussão dos valores das indenizações de todas as famílias atingidas pela barragem;
- ☞ Aplicação da política de reassentamento para todas as famílias que irão receber até 20 mil reais de indenizações;
- ☞ Pagamento dos laudos das indenizações e apresentação dos laudos que ainda faltam;



☞ Uma ampla política de reassentamento que contemple todas as infraestruturas necessárias para reprodução social de nossas famílias (terra, água, casas, estradas, saneamento básico, prédios públicos, área de lazer e outras estruturas necessárias);

- ☞ A fiscalização da implantação dos reassentamentos por parte dos moradores e que o DNOSC garanta uma ajuda de custo para quem for desenvolver essa função;
- ☞ Tempo e condições para realizar a retirada dos materiais das infraestruturas das áreas que serão alagadas;
- ☞ Que no planejamento dos reassentamentos já contemple áreas para as famílias que se constituíram posteriormente;
- ☞ Que se cumpra o cronograma de execução dos reassentamentos dos atingidos;
- ☞ Que o DNOSC faça uma proposta de alocação de recursos não reembolsável para projetos produtivos para as áreas de reassentamentos;
- ☞ Uma verba de manutenção de pelo menos um salário mínimo para todas as famílias reassentadas no período de dois anos;
- ☞ O perdão das dívidas das famílias das comunidades atingidas, haja visto, que a mais de 6 anos os mesmos foram impedidos de produzir e fazer qualquer benfeitoria nas comunidades, portanto impossibilitados de pagar os empréstimos adquiridos;
- ☞ A garantia de que todas as famílias terão acesso à água da barragem para produção e consumo humano e animal;
- ☞ A implantação de projetos irrigados sustentáveis;



AGORA PENSE:

- ☞ As Comunidades têm motivos para lutar?
- ☞ Por que o progresso não pode vir acompanhado de justiça?
- ☞ Por que os mais pobres sempre é quem têm que pagar o preço do progresso? E, que progresso é esse?

VAMOS DAR AS MÃOS FORTALECER A LUTA E SEMEAR A VIDA

Figura 19: Panfleto usado no dia da paralisação da barragem do Figueiredo.

Fonte: acervo da autora, 2010.

E no decorrer desse processo, no final do ano de julho de 2010, aconteceu a paralisação da barragem do Figueiredo, sendo está ocupada por todas as famílias atingidas e organizadas pelo MAB. Nessa paralisação, houve também a contribuição de outros movimentos sociais, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais do Estado do Ceará (FETRAECE), dos Sindicatos dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTR) de Iracema e Potiretama, da Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte, dentre outros movimentos sociais e entidades que se fizeram presentes.

E Neste processo de reivindicações, os atingidos conseguiram assegurar o direito a receber o valor determinado em seus laudos individuais, cujos valores eram extremamente baixos, o direito de moradias e, no caso da comunidade Lapa, a reivindicação de se construir as residências num terreno na Lapa que havia sido atingida pela barragem. Essa última exigência foi dos habitantes mais velhos que não queriam sair do território.

Diante das reivindicações, foi feita uma permuta: os idosos doavam o terreno para serem construídas as treze casas de seus filhos e, em troca, o DNOCS construiria mais nove casas que seriam justamente desses idosos que receberam um valor um pouco mais alto devido eles terem pequenas propriedades de terras e benfeitorias construídas em cima destas. A proposta do DNOCS foi aceita, então, a Lapa foi a única comunidade atingida que conseguiu permanecer no mesmo território.

Entre os anos de 2012 a 2013 se inicia, na comunidade Lapa, a primeira etapa das construções das casas, totalizando 22 casas. Na primeira demanda, foram construídas 13 casas. Os atingidos trabalharam nessa obra, mesmo em meio a dificuldades, pois a construtora, uma vez ou outra, trazia material de péssima qualidade, e a fiscalização, por intermédio do DNOCS, foi insuficiente. Logo, algumas casas tiveram que passar por reformas depois da obra entregue, pois apresentavam risco de desabar com as famílias dentro.



Figura 20: Reassentamento da Lapa, construída pelo DNOCS

Fonte: acervo da autora, 2019.

A comunidade Lapa passou por mais um processo conhecido como reterritorialização e, neste contexto, percebe-se que várias mudanças ocorreram em consequência destes elementos. Uma delas foi com relação ao comportamento dos indivíduos da comunidade, que passaram a ter uma consciência política, de modo a se mobilizarem, ficando ainda sequelas da desconfiança e ambição desencadeada por este projeto.

A juventude que pertence à sétima geração foi a que mais assimilou o novo, pois estes indivíduos participavam de forma mais ativa nessas lutas, rompendo laços com alguns costumes tradicionais. Isso se deu pelo fato de terem saído da comunidade e convivido com novas formas de cultura por meio de movimentos sociais. Tiveram também o contato com expressões políticas que não faziam parte de sua realidade cotidiana, além do acesso ao estudado.

Este projeto também pressionou estes jovens a buscar novas formas de costume, pois as tradicionais haviam sido perdidas com o tempo. Determinadas coisas também não faziam sentido na mentalidade deles, e a influência da tecnologia também contribuiu bastante no fortalecimento dessa nova lógica. Com isso, houve um rompimento geracional, pois os jovens passaram a se questionar mais sobre a realidade local e a propor novas formas de mudanças, mas ainda guardavam respeito aos seus ancestrais e a história por estes repassada.

A luta não parou no dia 13 de abril de 2011, data em que se registra a inauguração da barragem do Figueiredo, pois ainda faltava o DNOCS construir as nove casas, assim como ainda precisava instalar a luz, adutora na comunidade e dar à terra para que as famílias atingidas da Lapa pudessem plantar e garantir sua subsistência.

Dessa forma, os atingidos perceberam que teriam que se organizar e reivindicar novamente que, caso contrário, eles não iriam mais ter acesso a nada. Então, os atingidos se organizaram juntamente com os movimentos sociais. Esteve presente neste evento a igreja, a Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte, STTR, grupos de jovens e outras entidades, que fizeram grande manifestação no dia da inauguração da barragem do Figueiredo.

Figura 21: Manifestação na barragem do Figueiredo no dia de sua inauguração.



Fonte: acervo da autora, 2011.

Os atingidos conseguiram garantir as nove casas que faltavam ser construídas, além da energia e da adutora, e a terra ficou como promessa. As casas foram construídas por outra empresa e a equipe de fiscalização era mais ativa. ODNOCS iniciou a instalação da energia, porém, devido à demora, foi feito outro pedido por intermédio da Associação Comunitária dos Moradores do Sítio Lapa.

A adutora foi construída e a instalação estava apta para ser utilizada, mas o DNOCS demorou muito para trazer o motor para bombear a água. A comunidade, percebendo que os canos da instalação poderiam ressecar devido à ausência da utilização, se reuniu e cada família contribuiu com um determinado valor para comprar o motor. O DNOCS, após ficar sabendo do ocorrido, veio à comunidade trazendo o motor. Apesar das grandes conquistas, ainda faltava entregarem a terra para produzir o sustento dos habitantes da comunidade Lapa.

11 ORGANIZAÇÃO DOS (AS) ATINGIDOS (AS) NA DEFESA DE SE TERRITÓRIO

De acordo com os moradores da comunidade Lapa, o principal motivo da ocupação das terras na fazenda Varzinha foi porque eles estavam começando a passar dificuldades. O DNOCS e IDACE tinham se comprometido em conseguir uma terra de boa qualidade que seria utilizada para produção da agricultura familiar das famílias atingidas, porém, estava demorando muito.

Estes indivíduos se mostravam inquietos, pois não sabiam o que fazer, a agricultura era uma forma de sustento na região, principalmente dos que foram atingidos. Eles já esperavam há mais de 14 anos as terras para plantar, praticamente perdendo a identidade de agricultores. Havia alguns que também ficaram fora de programas sociais, como o seguro safra.

Os proprietários que moravam mais próximos não plantavam e nem deixavam ninguém plantar, com medo de perder o direito à terra, pois as terras destes já tinham sido indenizadas e pagas a seus respectivos donos e, assim, já pertenciam à União. Uma das áreas de terra mais próxima à comunidade Lapa é a Varzinha, que, inicialmente, no período da formação da comunidade Lapa, fazia parte das propriedades da família Moura.

A Lapa e a Varzinha é como se fossem o mesmo território, pois foram colonizadas na mesma época e pela mesma família. O que existe de divisa entre as duas é o Rio Figueiredo, e os nomes de um espaço para outro muda, sendo que, com a emancipação da cidade de Potiretama, a Varzinha, como ficava do outro lado do rio, ficou sendo município de Iracema.

A Varzinha passou a ser propriedade de um fazendeiro que morava próximo. Alguns irmãos que pertenciam à família Moura, naquela época, estavam se preparando pra realizar uma viagem para o Amazonas, logo, estavam vendendo toda a herança da família. O pessoal da comunidade Lapa não tinha, no entanto, condições de comprar, e eles precisavam do dinheiro, de acordo com as palavras de Margarida Maria de Moura Alves, logo, eles venderam essa terra para o proprietário que morava próximo.

O último proprietário, dono dessa terra, era Cosmo Martins, passando depois a ser da União. Algumas famílias da comunidade Lapa plantavam, nessa terra, porém, metade de tudo que se produzisse ali seria do Cosmo. Esses indivíduos pararam para refletir e perceberam que não havia lógica pagar renda para aquele

fazendeiro se a terra era da União. População começou a se conscientizar e percebeu que se quisessem a terra para produzir, teriam que lutar, pois, diante da situação em que se encontravam, iriam passar era fome.

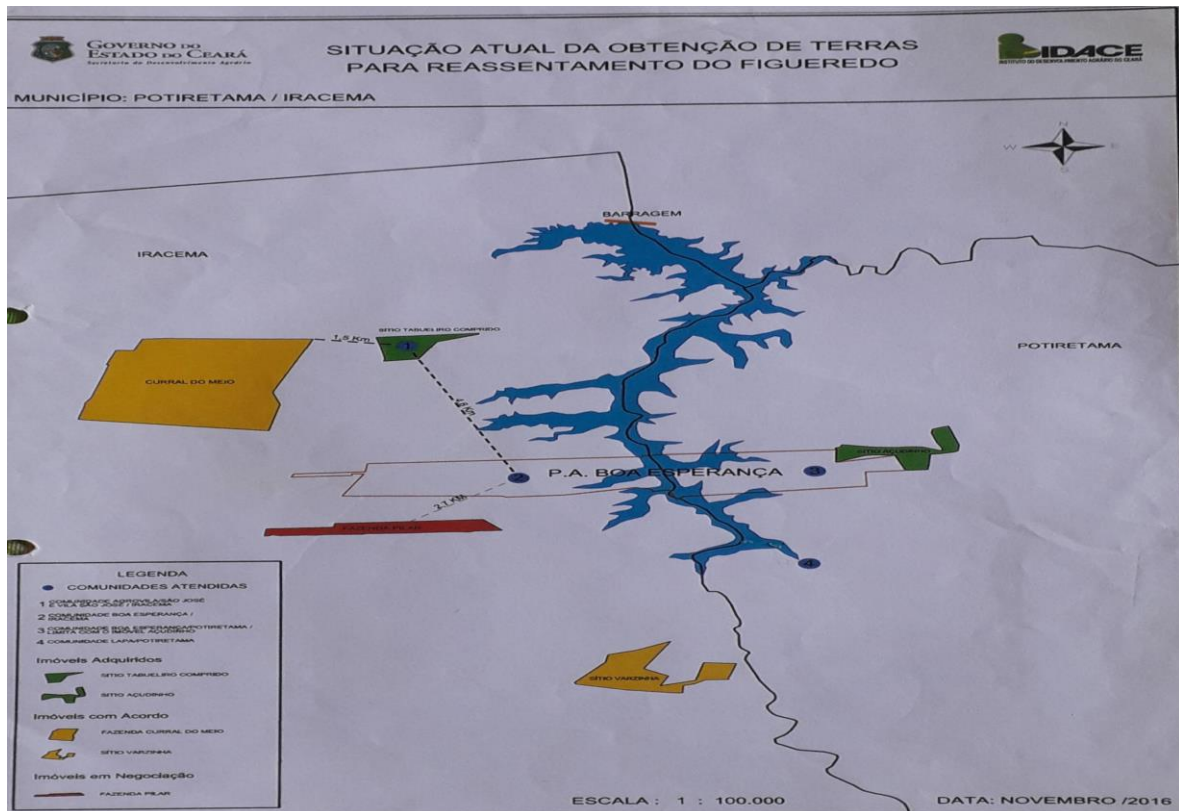


Figura 22: Ilustração do mapa, elaborado pelo IDACE, da área atingida de Iracema e Potiretama
Fonte: IDACE, 2016.

Observa-se que a comunidade Lapa precisaria de uma terra que fosse próxima a casas deles para produção da agricultura familiar. A terra que se encaixava, tanto para produzir, como pela proximidade, era o terreno da Varzinha. Os habitantes se organizaram, entraram em contato com o DNOCS e disseram que iriam ocupar a terra da Varzinha. O DNOCS foi de acordo e disse que eles tinham que permanecer na ocupação até a documentação de usufruto da terra ser liberada.

Dessa forma, a comunidade Lapa, que estava organizada, ocupou a Varzinha no dia 15 de agosto de 2016, às 4h30min da madrugada. O fazendeiro Cosmo Martins, quando ficou sabendo da ocupação da terra, ficou revoltado, mas não tinha o que fazer, já que a terra não era mais dele. A comunidade contou com a seguintes órgãos: Defensoria Pública da União (DPU), Escritório Frei Tito Alencar de Direitos Humanos (EFTA), Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte, CPT, MAB,

STTR de Potiretama, Secretária de Agricultura do município de Potiretama – em nome do Senhor secretário Charles Martins (secretário da época), além da contribuição do pároco da época, o Sr. Djavan Fernandes.

A comunidade também contou com representações das paróquias vizinhas e de outras cidades e comunidades próximas, como: FETRAECE, representantes do IDACE que, na época, fortaleceram a luta, os vazanteiros de uma cidade próxima, a Faculdade Dom Aureliano Matos (FAFIDAM), Universidade Federal do Ceará (UFC) e a equipe de saúde do município em alguns momentos, além da Rede Nacional de Advogados Populares (RENAP).

Os meios de comunicação midiáticos, como a TV Jaguar, as rádios e as redes sociais, ajudaram a divulgar a mensagem da ocupação da terra. Diante disso, os proprietários, cujas áreas de terra faziam divisão com a do proprietário Cosmo, começaram a ficar com medo de ter suas áreas indenizadas ocupadas, assim os(as) mesmos(as) começaram a incentivar o proprietário Cosmo Martins a não ceder a terra para os(as) atingidos(as) da comunidade Lapa puder se produzir. A ocupação manteve-se por oito meses.



Figura 23: Primeiro dia de ocupação, levantando acampamento.

Fonte: Ana Cláudia Alves Moura, 2016.



Figura 24. Acampamento da Varzinha

Fonte: acervo Ana Cláudia Alves Moura, 2016.

Inicialmente, a ocupação se deu por 25 famílias atingidas, ficando o direito a usar a terra apenas para as famílias que permanecessem na ocupação até o final. Foram muitos os desafios enfrentados, pois não tinham conforto, energia, não podiam sair, pois ocorriam intensas reuniões. Ademais, a alimentação era escassa e a privacidade era mínima, tendo ainda que estar sempre vigilante, pois todos que permaneceram na ocupação até o final corriam risco de morte.

No dia 19 de agosto de 2016, houve a primeira grande reunião no acampamento da Varzinha para a negociação da terra dos atingidos da Lapa. Estavam presentes todas as entidades sociais, as organizações e movimentos sociais e populares já citados, representações políticas, o governo municipal local, a diretoria do DNOCS e do IDACE, além dos proprietários de terras das proximidades que tinham suas áreas de terra atingidas pela barragem do Figueiredo, mais a mídia local.

Segundo os atingidos que participavam da reunião, este momento impactou a todos que ali estavam presentes, pois a reunião visava negociar a terra para os acampados, esperando somente o processo burocrático para poder ser liberada a documentação de usufruto da terra. Houve agitação dos proprietários que diziam não abrir mão de suas terras, embora estas pertencerem à União.

Ocorreram relatos de que houve ameaças de morte, pois se viu pessoas armadas, o que casou medo e desconforto geral dos que estavam ali. Para quem estava na reunião, que não foi finalizada, pois esta foi adiada para outra data em razão de haver revolta por parte de alguns poucos proprietários de terras que diziam não abrir mão de suas terras sem brigar. A reunião ficou marcada na sede do DNOCS em Fortaleza, com representações da comunidade e de cada proprietário que tinha suas terras atingidas.

Figura 25: Primeira reunião no acampamento da Varzinha.



Fonte: acervo da autora, 2016.

Assim, os atingidos tiveram que acionar a polícia para proteção daqueles que faziam parte da ocupação ou que estavam contribuindo com ela. Foi feito um boletim de ocorrência, pois o padre Djavan havia sido ameaçado de morte por ter encabeçado a luta junto com os atingidos. Foram oito longos meses de ocupação na luta pelas terras.

Muitos, nesse período, contribuíram doando alimentação, água, roupas, além de realizarem atividades lúdicas. A participação e as contribuições se deram por intermédio das paróquias mais próximas, como a Cáritas Diocesana de Limoeiro

do Norte, além da ajuda de amigos de comunidades adjacentes, para que estes resistissem até o final.

Neste período de ocupação, houve a realização de várias oficinas promovidas pela Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte, como a produção de faixas e estampas de camisas artesanais, um seminário explicando a importância da 'palma forrageira' para fazer forragem e alimentar o gado. Depois, trouxeram várias mudas da mesma para que os habitantes da Lapa fizessem outras mudas e depois repassassem para os demais. Também teve a presença de um técnico para ensinar todo o processo na prática de como trabalhar com a palma forrageira e sua importância junto a alimentação dos rebanhos da comunidade.

Vale ressaltar a organização dos acampados(as) no trabalho coletivo, em que foi formada a equipe de mulheres para fazer a alimentação de todos, desde o café da manhã, almoço e jantar. Cada dia, um grupo de mulheres era escolhido para cozinhar e lavar as panelas; outras mulheres iam pescar o peixe para servir 'como mistura'. O trabalho braçal, como tirar a lenha para fazer o almoço, era também organizado por mulheres; a lenha servia para cozinhar e manter a fogueira acesa durante a noite.

De acordo com Sebastião José de Moura, as equipes de segurança que ficavam à noite eram organizadas da seguinte forma: duas equipes de três pessoas faziam o revezamento durante a noite; a primeira equipe ficava do início da noite até às doze horas; a segunda equipe assumia ficando até o amanhecer. A organização desses indivíduos era necessária para manter o acampamento funcionando.

Os desafios, durante esse período, foram muitos, pois, permanecer em um único local por oito meses, convivendo com crianças, jovens, adultos, idosos, mulheres grávidas, deficientes, cada um com suas particularidades na forma de pensar e ver o mundo de maneiras antagônicas, às vezes, era desafiador. Entrar em comum acordo, parecia impossível, mas tudo funcionava bem.

Essa situação posta e visível mostrava que eles só conseguiriam conquistar a terra por meio da luta comunitária, em que estivessem organizados e unidos. E frisar a relevância da juventude da comunidade Lapa, que contribuiu, sobremaneira, neste processo de organização, com a criação de músicas e de animação, que se

expressava na dança, nas peças teatrais, entre outros. Era necessário que o homem também se alimentasse de arte.

De acordo com Peloso (2012):

A mística é a alma de um povo. A mística é a alma do sujeito coletivo, a identidade que se revela como uma paixão, que nos ajuda a “sacudir a poeira e da a volta por cima”. “Suportarei tudo, porque há em mim uma alegria que nada nem ninguém conseguirá jamais matar!” (Peloso, 2012, p. 90).

No dia 17 de maio de 2017, o acampamento teve seu fim com a assinatura da compra da terra de uma área que não era atingida. O DNOCS beneficiou 22 atingidos (pois essas Famílias tiveram suas casas e terras atingidas e indenizadas diretamente pela obra da barragem do Figueiredo). Dessa forma a compra foi realizada pelo IDACE (tendo direito apenas os 22 atingidos que tinha o laudo), no entanto, a área de terra não era apropriada para produção da agricultura familiar.

Diante deste impasse, o DNOCS negociou a liberação da terra da ocupação para as 24 famílias (sendo permitido o usufruto da terra para as famílias da lapa atingida direta ou indiretamente pela barragem, dando direito a produzir na terra aquelas famílias que fosse ocupar e permanecesse na luta do início ao fim), para que estas tivessem direito a usar a terra para produzir o sustento de suas famílias por meio a agricultura familiar sustentável, mas sem degradar o meio ambiente.

Figura 26: Reunião aonde foi assinado o documento da posse da terra pelo IDACE.



Fonte: acervo da autora, 2017.

É importante salientar que, somente foi garantido a compra da terra pelo IDACE aos 20 atingidos (pois das 22 famílias atingidas diretamente, 2 se caracterizava como proprietárias, por isso não teve seus nomes incluídos para se beneficiar da terra que o IDACE iria comprar pelo fato de já terem uma grande área de terra para produzir, e futuramente poderia vir a criar problemas ficando junto com os moradores da lapa), que tinha seus laudos e que suas benfeitorias foram atingidas diretamente pela barragem do Figueiredo (as terras de ocupação da Varzinha já era outra situação, tinha direito as famílias da Lapa que participasse da luta até o final).

As famílias ainda esperavam que o DNOCS legalizasse oficialmente a situação das mesmas na comunidade Lapa, de maneira a terem direito de tirar o seu sustento das terras da União. Em notícias recentes relatadas pela a presidente da associação Antônia Alves de Moura, o documento de usufruto da terra da Varzinha está demorando a ser entregue por conta da situação da pandemia do covid19. Os atingidos aguardam a solução da questão pendente lembrando que nunca conseguiram nada de graça, pois tudo que conquistaram foi por meio de muitas lutas e reivindicações.

Segundo Lula (2017):

Mas precisamos pensar o tipo de sociedade que queremos, com que tipo de Estado, de educação, de políticas sociais, de meio ambiente, de direitos das mulheres, dos jovens, dos negros. De que maneira pode garantir uma saúde pública de qualidade para todos, atividades culturais de que todos usufruam e participem. (LULA, 2017, p10).

É preciso não esquecer que a luta não pode parar, que a resistência seja registrada e repassada para as futuras gerações e, assim, os jovens compreendam a valorização de suas origens, do lugar e, acima de tudo, haja respeito e admiração pela ancestralidade, que deram suas vidas fazendo o melhor que podiam para deixar o território seguro e livre para todos (as) os(as) que moram na comunidade Lapa e para aqueles que estão de passagem.

12 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se, aqui, a importância de se preservar a memória e os costumes ancestrais, em como cuidar da tradição como forma de resistência e de proteção do território e das suas especificidades, como o saber popular transmitido de geração para geração. É preciso ainda manter o equilíbrio entre a natureza e a cultura e registrar as origens históricas da população da comunidade Lapa.

Este trabalho trouxe presente a importância do saber popular para a formação, desenvolvimento e defesa da comunidade Lapa no município de Potiretama - Ce. E, diante dos elementos que foram pesquisados e dos depoimentos que relatados por estes moradores, ver-se que os objetivos foram alcançados, e que as lutas que cada geração teve que enfrentar fizeram-se relevante para o conhecimento e aprendizado desse povo. Além disso, foi expresso aqui, por meio dos conhecimentos transmitidos ao longo desse trabalho, que a melhor forma de resistir é aquela em que seu povo não se perde de suas origens. Dessa forma,

observa-se que foi graças a esses conhecimentos, os saberes populares, que a comunidade teve se fortaleceu para resistir.

O saber popular, apresentado neste trabalho, é o elo da ligação entre a cultura e os costumes tradicionais dessa população; é o que fortalece e o que multiplica tudo o que se cria ou que já vem sendo repassado para as próximas gerações.

Dessa forma, também foi possível identificar as mudanças que provocaram transformações no território e no modo de vida das populações atingidas, aqui apresentadas pelos elementos como: ruptura de elos geracionais, impactos ambientais e o contato com o novo, provocado principalmente pela construção da barragem do Figueiredo.

A relação da organização e mobilização dos atingidos em defesa do território apresenta-se como um momento de desafios em que é colocado em prática tudo aquilo que a comunidade Lapa especificamente defende a várias gerações, que é enfrentamento das adversidades de maneira clara e objetiva na hora de permanecer no território.

Essa pesquisa expressa como problemática principal o resgate da perda da história dos(as) da comunidade Lapa e de sua identidade, dos costumes, cultura e saberes populares que estão ficando mais fragmentados e superficiais a cada geração. Assim, este trabalho tem o intuito de registrar um pouco dessas informações para que gerações presentes e futuras possam conhecer um pouco mais de suas origens, sendo de grande relevância também para o embasamento teórico de outros trabalhos que possam vir a existir.

É importante salientar que este trabalho tem como base principal a observação participante da autora, que mora no território, que é a matéria-prima da pesquisa. As informações para fundamentar o corpo desse TCC foram todas sistematizadas por meio de diálogos informais de vários moradores da comunidade, cuja faixa etária de idade era diferente, por imagens de momentos marcantes e de documentos pertinentes para o resgate dos conhecimentos. É uma pesquisa de campo, é qualitativa, e as referências bibliográficas utilizadas foram de autores com diálogos bem próximos do assunto que está sendo abordado.

As limitações desse trabalho foram encontradas na metodologia, especificamente nas entrevistas com os moradores da comunidade. A pesquisa foi realizada de forma verbal em que a própria autora ia descrevendo a fala de cada

indivíduo, pois alguns se recusaram a escrever pelo fato de não ter muito conhecimento na escrita e outros porque realmente não queriam. Os (As) entrevistados(as) ficaram muito felizes em registrar a história e saber que contribuíram para este trabalho.

Outra situação foi um termo de autorização, o qual os(as) entrevistados(as) não queriam assim, pois alegavam não haver necessidade, uma vez que a história deles e todos se conhecem. Assim, observa-se o quão desafiador é sistematizar um trabalho rico de informações e cuja construção de informações é dada por várias percepções e, às vezes, tem que passar um pouco mais de tempo para elaborar todo esse material.

Logo, as recomendações para que futuros trabalhos possam ser elaborados com mais qualidade e profundidade é disponibilizar mais tempo para copilar os dados e sistematizar essas informações. Um trabalho como este também merece ser rico de fontes ilustrativas, pois aquilo que os ancestrais não podem mais contar, essas imagens falam por eles.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, M. **Comunidades eclesiais de base e enculturação da fé**. São Paulo: Layola, 1996. 336 p.
- BRANDÃO, C.R. **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense Ltda, 2006. 22p. (Coleção Primeiros Passos; 318).
- BRANDÃO, C.R. **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense Ltda, 2006. 34p. (Coleção Primeiros Passos; 318).
- BRASIL. **Decreto Nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007**. Institui a Política de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília, 7 de fevereiro de 2007; 186º da Independência e 119º da República.
- BRASIL. **Ministérios Saúde**. Lei Orgânica da Saúde. Lei nº 8.080 de 19 de setembro de 1990. Brasília, DF: Senado; 1990.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. São Paulo: Paz e Terra LTDA, 2010. 37p.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 38ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014. 60p.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019, p. 17.

JARA H.O. **A sistematização de experiências, prática e teoria para outros mundos possíveis**. Brasília, DF: CONTAG, 2012. 122p.

Marcos Aurélio Saquet; Roselí Alves dos Santos. Organizadores. **Geografia agrária, território e desenvolvimento**. 1ª ed. São Paulo: Expressão popular. Vários autores. Indexado em GeoDados - <http://www.geodados.uem.br>. CLEPS JR., J. **QUESTÃO AGRÁRIA, ESTADO E TERRITÓRIO EM DISPUTA: OS ENFOQUES SOBRE O AGRONEGÓCIO E A NATUREZA DOS CONFLITOS NO CAMPO BRASILEIRO**. Apoud. RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo, Ed. Ática, 1993, p.36.

MORIN, E. **Os setes saberes necessários para a educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MINAYO, M.C.S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**/ Maria Cecília de Souza Minayo (org.); Suely Ferreira Deslandes; Romeu Gomes.– Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. (Série Manuais Acadêmicos).

MOURA, Lucimário Antônio de. **Comunidade Lapa e barragem do Figueiredo: um processo de luta e resistência em defesa do território**. Fortaleza: EdUECE, 201. 79p. (Término de conclusão de curso de graduação de serviço social).

MOURA, Marcelo. **Historia da família Moura**, 2013. Disponível em: <http://blogdomarcelomourarn.blogspot.com/2014/06/origem-da-familia-moura.html>. Acesso em 05 agost.2020.

O que é comunidade tradicional? Disponível em: <<http://www.seppir.gov.br/comunidades-tradicionais/o-que-sao-comunidades-tradicionais>>13/05/20)>. Acesso em: 13 maio 2020.

RANULFO PELOSO, Centro de Educação Popular do Instituto Sedes Sapientiae (Org.). **Trabalho de Base: Seleção de Roteiros organizados pelo CEPIS**. São Paulo: Expressão Popular, 2012. 152 p.

Silva, Luiz Inácio Lula da. Apresentação. n: Sader, Emir. (org.). **O Brasil que queremos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017.

APÊNDICE

APÊNDICE A


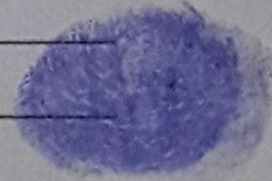
TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE VOZ E IMAGEM

Neste ato, e para todos os fins de direito, eu autorizo minha voz, informações de um questionário ao qual respondi, meu nome completo e original como doador/a das informações, e imagens que eu esteja presente ou tenha sido doado por mim, para fins de divulgação no trabalho de Término de Conclusão de **Curso de Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido**, ou que vise aprofundar outros trabalhos correlatos da autora de forma definitiva e gratuita.

Por ser essa a expressão da minha vontade, nada terei a reclamar a títulos de direitos conexos minha imagem e uso e qualquer informação ou outro ao qual estou ciente.

Dessa forma, eu como morador/a da comunidade Lapa município de Potiretama-Ce assino este termo de ordem coletiva com o intuito de contribuir para a construção do TCC **Comunidade Lapa: uma história de cultura, tradição e resistência**, sistematizado por Maria Michele Alves Moura.

Potiretama-Ce, 15 de 08, 2020

Sebastião José de Moura → 
 Driane Moura Oliveira
 Margarida Maria de Moura Alves
 Antonia Alves de Moura
 Maria José de Moura → 

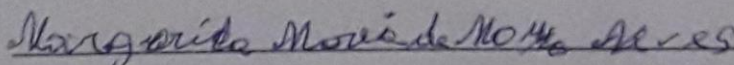
TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE VOZ E IMAGEM

Neste ato, e para todos os fins de direito, eu autorizo a voz, informações de um questionário ao qual foi respondido no ano de 2015, os nomes completo e originais como doadores das informações, e imagens que estejam presentes ou tenha sido doado por eles: Francisco José de Moura (Chico Moco in memorian) e Antônio Alves de Moura (Antônio Tomais in memorian) em vida ou em memória, para fins de divulgação no trabalho de Término de Conclusão de **Curso de Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido**, ou que vise aprofundar outros trabalhos correlatos da autora de forma definitiva e gratuita.

Por ser essa a expressão da minha vontade eu Margarida Maria de Moura Alves como viúva de Antônio Alves de Moura e irmã de Francisco José de Moura, nada terei a reclamar a títulos de direitos conexos das imagens e uso e qualquer informação ou outro ao qual estou ciente.

Dessa forma, eu como morador/a da comunidade Lapa município de Potiretama-Ce assino este termo de ordem a liberar informações com o intuito de contribuir para a construção do TCC **Comunidade Lapa: uma história de cultura, tradição e resistência**, sistematizado por Maria Michele Alves Moura.

Potiretama-Ce, 15 de 08/2020



Assinatura

APÊNDICE B